



# O Bom Pastor como identidade no sacerdócio ministerial em tempos de pós-modernidade: uma discussão à luz da *Pastores Dabo Vobis*

The Good Shepherd as identity in ministerial  
priesthood in post-modernity: a discussion in light  
of *Pastores Dabo Vobis*

*Rodolpho Raphael de Oliveira Santos\**

UFPB

Recebido em: 04/10/2023. Aceito em: 04/06/2024.

**Resumo:** A vocação é dom gratuito e no transcurso da história, jovens e adultos desejam ardentemente doar sua vida pelo Reino, tornando-se a pessoa de Cristo Bom Pastor. O presente estudo se debruça em realizar uma discussão acerca da identidade do sacerdote em tempos de pós-modernidade entendendo qual o seu papel enquanto configuração à Cristo Bom Pastor em meio a um período em que prioriza-se o trabalho puramente temporal e esquece-se do ministério espiritual, da evangelização e da promoção humana. Aspectos considerados importantes e que serão discutidos à luz da Exortação Apostólica Pastores Dabo Vobis. Como metodologia, utiliza-se a pesquisa exploratória de cunho bibliográfica a partir da obra de São João Paulo II, somada aos textos do magistério da Igreja possibilitando desta forma, entendimento desta temática atual

\* Mestre em Computação, Comunicação e Artes com linha de Pesquisa em Mídias em Ambientes Digitais pela Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2019). Pós-Graduado em Mídias Digitais, Comunicação e Mercado pelo Centro de Educação Superior Reinaldo Ramos, CESREI, Campina Grande, PB, 2014); Didática no Ensino Superior (FMU – Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas, São Paulo, 2020); ABA – Análise do Comportamento Aplicada (Faculdade Conexão, Belo Horizonte, 2024); Bacharel em Comunicação Social (Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, Campina Grande, PB, 2013). Bacharel e Licenciado em Filosofia (Uninter Centro Universitário, Curitiba, 2022). Bacharel em Teologia (Uninter Centro Universitário, Curitiba, 2023). Professor do Curso de Teologia da Faculdade Três Marias, João Pessoa, PB.

E-mail: rprofessorpb@gmail.com.





*e atemporal. Como resultados, é possível discutir meios e estratégias para o enfrentamento da insatisfação pessoal no tocante ao ministério reflexo muitas vezes da depressão ou até mesmo da solidão em meio ao povo de Deus.*

**Palavras-chave:** *Bom Pastor; pós-modernidade; identidade*

**Abstract:** *With epochal changes, humanity has undergone constant transformations, yet the Lord's promise remains vivid for each of those who receive God's call. Vocation is a free gift, and throughout history, young people and adults ardently desire to dedicate their lives to the kingdom, becoming the person of Christ the Good Shepherd. This study delves into discussing the identity of the priest in times of post-modernity, understanding his role as configured to Christ the Good Shepherd amidst a period that prioritizes purely temporal work and forgets about spiritual ministry, evangelization, and human promotion. Important aspects considered and to be discussed in light of the Apostolic Exhortation Pastores Dabo Vobis. As methodology, exploratory bibliographic research is used based on the Works of Saint John Paul II, combined with texts from the Church's magisterium, thus enabling understanding of this current and timeless theme. As results, it is possible to discuss means and strategies to address personal dissatisfaction regarding ministry, often reflecting depression or even loneliness amid the people of God.*

**Keywords:** *Good Shepherd; modernity; identity.*

## Introdução

“Dar-vos-ei pastores segundo o meu coração, os quais vos apascentarão com inteligência e sabedoria”.<sup>1</sup> A vocação para o sacerdócio é considerada um dom divino, conforme ensinado pela Igreja. Ao longo da história, tanto homens quanto mulheres têm buscado incessantemente discernir sua vocação diante das oportunidades oferecidas pela sociedade. O Papa Francisco ensina que a vocação é dom e tarefa, fonte de vida nova e de verdadeira alegria. Muitos dos homens, acabam por transitar entre diversas profissões, sem perceber que sua verdadeira vocação reside no sacerdócio. Como entendê-la? Como descobri-la? Como vivê-la? Talvez sejam perguntas que muitos vocacionados fazem no decorrer do seu processo de autoconhecimento.

No contexto atual, as mudanças históricas têm introduzido novas oportunidades para vivenciar essa vocação, que se mantém atemporal e é revigorada continuamente, independentemente do tempo de ministério do sacerdote. Muitos indivíduos estão começando a perceber que viver plena-

<sup>1</sup> (Jr 3, 15). In: BIBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. 2. impres. São Paulo: Paulus, 2003. Todas as citações serão retiradas dessa BJ.



mente a vocação sacerdotal está intrinsecamente ligado a uma única razão maior: a busca pela felicidade plena, encontrada somente em Cristo Jesus.

Essas mesmas transformações nos levam a refletir sobre o que Bauman (2011, p. 17) apresenta no contexto da humanidade e da modernidade, caracterizado por tempos líquidos, nos quais os relacionamentos começam e terminam rapidamente. Esse aspecto tem afetado profundamente o sacerdócio ministerial, que, embora tenha uma marca profunda e indelével, enfrenta desafios significativos. Muitos sacerdotes em todo o mundo estão lutando para lidar com o cenário apático e volátil formado pelos fiéis em suas experiências pastorais paroquiais. Tal hipótese, é confirmada com a divulgação dos dados do Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em que, o percentual de católicos já é inferior a 50% e destes quem participa da Santa Missa pelo menos uma vez por semana é de aproximadamente 19%. Um número que diminuiu um terço em dezoito anos.

É crucial reconhecer que, mesmo em meio a uma era marcada por crises e turbulências, onde a humanidade continua a enfrentar desafios tanto físicos quanto espirituais, especialmente refletidos pelas inovações tecnológicas, a modernidade impactou significativamente a formação de um estilo de vida urbano, tendo um impacto direto na prática pastoral e no papel do sacerdote.

O que a sociedade vivencia, foi predito de forma ousada e profética no Concílio Vaticano II e de modo mais intenso por São João Paulo II em sua Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis* preparando desta forma, os sacerdotes para os desafios do novo milênio e o jeito novo de se fazer Igreja uma vez que o modelo presbiteral está intimamente relacionado ao modelo de Igreja e o modelo de Igreja está relacionado ao modelo de sociedade.

O Catecismo da Igreja Católica (2000, p. 420) nos lembra que o sacerdote por vocação e natureza se configura à Cristo que é o sumo sacerdote e único mediador que fez da Igreja um reino de sacerdotes para Deus, seu Pai. Desta forma, o sacerdote é escolhido dentre os homens, constituído em favor dos homens nas coisas que dizem respeito a Deus. (Hb 5,1) e passa a agir na própria pessoa do Cristo Ressuscitado, que se faz presente com sua ação realmente eficaz.

Atuando dessa maneira, o sacerdote assume a identidade do Bom Pastor, caracterizado como servo que conhece suas ovelhas pelo nome,



pronto a deixar as demais para buscar a ovelha perdida (Lc 15,3-7), tornando-se assim um homem de escuta e misericórdia. Isso suscita várias questões, incluindo: Como tem evoluído a prática pastoral nos últimos anos? Qual é a relação entre a missão de Cristo como o Bom Pastor e o sacerdócio ministerial? Qual é o papel do sacerdote enquanto configuração à Cristo do Bom Pastor em uma era pós-moderna, onde há uma ênfase no trabalho secular em detrimento do ministério espiritual, da evangelização e da promoção humana? Como a Igreja tem se preparado e enfrentado essas mudanças, e como elas afetam a formação de novos sacerdotes e a manutenção do ministério dos já ordenados? Buscando responder a essas indagações e inquietações, este estudo se propõe a discutir e contrastar a identidade do sacerdote como Bom Pastor em meio a esta era fluida de mudanças da pós-modernidade, à luz da Exortação Apostólica Pastores Dabo Vobis.

Sua relevância se dá em virtude de discutir-se uma temática tão antiga, mas ao mesmo tempo tão atual contrastando com as realidades presentes e iminentes nos dias de hoje e de modo particular, no ambiente ao qual estamos inseridos: a Igreja Católica Apostólica Romana.

Mais ainda, ao celebrarmos os 30 anos da Exortação Apostólica de São João Paulo II, que podemos até chamar de ‘profética’, é importante reforçar o papel de Deus no chamado dos seus sacerdotes em meio a diversos contextos humanos e eclesiais. Esta exortação ressalta que a vocação sacerdotal permanece como um chamado vivo, único e contínuo ao sacerdócio de Cristo Jesus, mesmo quando os padres vivenciam ou vivenciaram uma sociedade marcada pelo consumismo, materialismo, imediatismo, hedonismo, utilitarismo e egocentrismo. Nesse cenário, que valoriza a corporeidade, exterioridade e artificialidade, é evidente a instabilidade e a funcionalidade nas relações sociais, o que gera uma crise de identidade tanto individual quanto social, levando a questionamentos sobre a verdade e o papel do homem no mundo.

No contexto acadêmico, esta pesquisa desencadeia uma análise reflexiva entre estudantes, seminaristas, sacerdotes, professores e teólogos sobre a identidade sacerdotal nos dias atuais, bem como suas diversas compreensões formativas e dos carismas, compreende que a espiritualidade deve se moldada especialmente pelos formadores ao longo do processo formativo rumo ao sacerdócio. Destaca-se que a espiritualidade é fundamental na construção da identidade sacerdotal, representando o ponto inicial na conformação à imagem de Cristo.



É relevante salientar que este estudo é fundamentado em uma abordagem bibliográfica, utilizando como principal referência o Papa São João Paulo II, que oferece uma visão abrangente do sacerdócio em suas quatro dimensões (humana, intelectual, espiritual e pastoral), as quais acompanham o sacerdote desde os estágios iniciais de sua jornada no discipulado de Cristo.

## O sacerdócio veterotestamentário e neotestamentário à luz da carta aos Hebreus

A tradição sacerdotal veterotestamentária tem início em Abraão que recebe de Deus uma aliança acompanhada de promessas, bênção, terra e uma descendência incalculável. É partir desse ciclo que os sacerdotes foram constituídos como mediadores entre Deus e o povo e inicia-se desta forma a tradição sacerdotal.

Importante se faz ressaltar que o encontro com Melquisedec, rei de Salem (Gn 14,18) e sacerdote do Deus Altíssimo, confirma a eleição de Deus à Abrão. Com o coração grato, o rei para agradecer a vitória de Abrão, o serve com pão e vinho prefiguração perfeita do sacerdócio de Cristo, uma vez que os evangelistas Mateus (Mt 26,26-28) e Lucas (Lc 22,19-20) relatam na última ceia a ação, onde Jesus toma o pão e o vinho e realizou a oferta dizendo que “isto (pão e vinho) é o meu corpo”. Este momento da Última Ceia é uma clara conexão com o encontro entre Abrão e Melquisedec, demonstrando como o sacerdócio de Cristo é prefigurado nas escrituras do Antigo Testamento.

*Quando chegou a hora, ele se pôs à mesa com seus apóstolos e disse-lhes: “Desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco antes de sofrer; pois eu vos digo que já não a comerei até que ela se cumpra no Reino de Deus”. Então, tomando um cálice, deu graças e disse: “Tomai isto e reparti entre vós; pois eu vos digo que doravante não beberei do fruto da videira, até que venha o Reino de Deus”.<sup>2</sup>*

De acordo com o CIgC (2000, p.367) A Igreja vê no gesto de Melquisedec, rei e sacerdote, que ofereceu pão e vinho (Gn 14,18), uma prefiguração da sua própria oferenda. Por meio de Abraão, Deus passa a constituir o povo como um povo sacerdotal, assembleia santa,

<sup>2</sup> (Lc 22,14-18). In: BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. 2. impres. São Paulo: Paulus, 2003. Todas as citações serão retiradas dessa BJ.



a Ele consagrado (cf. Ex 18-19). E como sinal aberto desse sacerdócio, escolhe a tribo de Levi para que se consagrasse ao exercício litúrgico. É dessa tribo que Deus escolhe Aarão e Moisés para o serviço de sua mensagem de salvação (Ex.12). Tal exercício é acompanhado da teofania (manifestação visível de Deus) que visa aproximar a divindade do criador com as criaturas (seu povo) de maneira simples, palpável, tangível e audível e até mesmo como aviso profético por meio de sonhos:

*Para os estudiosos, a Espiritualidade sempre está presente e suas características atendem a três momentos na Teologia, que são: mensagens úteis, reveladas e autênticas [...] A narrativa no Velho Testamento apresenta a revelação de Deus ao homem rompendo os modelos habituais de contato e estabelecendo uma relação muito mais próxima e apartada das leis naturais com uma característica de sobrenatural.<sup>3</sup>*

O livro do Deuteronômio ilustra três funções do sacerdócio Levítico: o discernimento, ou estabelecer a justiça, o ensino da Lei e o ministério cultural de invocar bênçãos e oferecer sacrifícios e oblações pelo povo (cf. Dt 33,8-10; cf. 1Sam 14,41-42). Em contrapartida, percebe-se que este sacerdócio se dá a partir da eleição de Deus, de uma predileção d'Ele para com uma tribo de pastores que certamente, possuíam famílias, casas e indivíduos, pastores chamados a este múnus sacerdotal.

Na seleção de um segmento específico da humanidade, Deus revela Seu plano de salvação, atribuindo a esse grupo um papel representativo, simbolizando a aliança e a vontade divina que Ele busca realizar em cada indivíduo. A partir deste ponto crucial, aqueles que aderiram à fé e passaram a adorar o Deus de seus antecessores, como Abraão, Isaac e Jacó, demonstraram sua submissão aos preceitos divinos, conforme estabelecidos na lei mosaica. Importante se faz ressaltar que o intento de YHWH era transformar este povo em uma comunidade sacerdotal, devotada à Sua divindade e comprometida com a obediência estrita aos Seus mandamentos. Esse propósito emergiu como uma das características essenciais tanto do sacerdote quanto do sacerdócio.

Para Ribeiro:

<sup>3</sup> RIBEIRO, Jacob. *A Identidade Teológica do Sacerdócio Comum e do Sacerdócio Ministerial à Luz da Constituição Dogmática Lumen Gentium*. 1 ed. São Paulo: TEOS, 2014.



*Os sacerdotes ainda são responsáveis por garantir a santidade do povo pelo ensino da Lei e a transmissão das tradições de Israel. A finalidade disso é garantir na verdade a fidelidade do povo à Aliança firmada com o senhor no monte Sinai. Desta fidelidade, unilateralmente inquebrantável, porque Deus é sempre fiel, gera no meio do povo a liberdade, prosperidade e a fecundidade. Estas são as três promessas feitas por IHHW e a condição para se realizar é a fidelidade no cumprimento da Torah [...] nesse contexto, surgem os vaticínios dos profetas maiores por um Messias Sacerdote, Profeta e Rei – seja um único com as três funções, sejam diversos para cada uma.<sup>4</sup>*

Não obstante, o Novo Testamento interpreta o sacerdócio Levítico como prefiguração do sacerdócio de Cristo. Na Carta aos Hebreus é onde encontra-se a exposição mais profunda acerca do sacerdócio de Jesus no Novo Testamento. “Temos um sumo sacerdote” (8,1), destaca como afirmação central tal carta, logo após asseverar que este mesmo sacerdote “foi aperfeiçoado por toda a eternidade” (7,28).

*Às vezes deixando entender que este messias possua uma missão vicária, outras vezes que é o próprio Deus a agir criando céus e terra. Dentro deste ambiente de esperança messiânica, é chegada a plenitude dos tempos (cf. Gl4, 4-6) então Deus envia o seu Filho a fim de consumir sua obra salvífica que na carta aos Hebreus tem clara conotação sacerdotal.<sup>5</sup>*

Enquanto revelação divina, para que Cristo se tornasse mediador (sacerdote), foi necessário que Ele recebesse a existência humana e dessa forma participasse do contexto da criação. A carta aos Hebreus, aponta perspectivas condizentes a esta essência teológica, tendo em vista que Cristo recebeu um corpo (10,5), participou em tudo da fragilidade humana, com exceção no pecado (4,15), pois sua vida foi de total obediência (5,8), realizando em tudo a vocação humana de ajustar-se à vontade de Deus (10,7).

Ao ser apresentado na Carta aos Hebreus Jesus é o Filho de Deus gerado desde toda eternidade (Hb 5,5), e desta forma, por meio da encarnação do verbo Ele passa a nos conceber diante de Deus, pois se torna irmão entre os irmãos experimentando das nossas limitações (2,11-18) a um ponto alto de ir até a morte de cruz (2,14-15). Estando à mercê

<sup>4</sup> RIBEIRO, Jacob. *A Identidade Teológica do Sacerdócio Comum e do Sacerdócio Ministerial à Luz da Constituição Dogmática Lumen Gentium*. 1 ed. São Paulo: TEOS, 2014. p.12.

<sup>5</sup> RIBEIRO, 2014, p. 12.



da violência humana, e submetendo-se às fraquezas que são comuns a humanidade, dentre elas, o temor a morte (5,7).

Seu sacerdócio, outorgado desde toda a eternidade e culminado no princípio do verbo, aponta Jesus como Aquele que executa o seu ofício sacerdotal em caráter sacrificial – expiatório – latrêutico – eucarístico. Tornando-se mediador entre Deus e os homens e prefigurando que o sacerdócio deve tornar-se perspectiva de mediação; onde este sacerdote pertença tanto à esfera da criação quanto à do Criador.

Ao assumir tal identidade, Jesus rompe a estrutura sacerdotal veterotestamentária que tinha como principal função, ter sacerdotes separados do povo, para exercer suas funções ao serviço de Deus (5,1). Cristo, não somente faz a vontade do Pai, como também corrobora e se engaja nas realidades humanas mais degradantes, passando a exercer um sacerdócio solidário onde o povo de Deus é santificado, plenificado para todo o sempre e redimidos do pecado por meio da ação sacrificial de Cristo Jesus.

Embora Jesus não pertencesse a casta sacerdotal levita, cujo sacerdócio por natureza não era hereditário, carnal e humano, somado à morte na Cruz que o separaria definitivamente da esfera do culto. Seu sacerdócio passaria então a ser de outra forma e o autor da carta aos Hebreus é enfático em seu capítulo seis, quando afirma: “Jesus foi feito Sumo Sacerdote segundo a condição de Melquisedeque para sempre” (6,20) Tal afirmação é fundamentada no Salmo 110,4: “Tu és sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque”.

*Jesus, pessoalmente, não se atribui nunca o título de sacerdote, porém ele define a sua missão servindo-se de termos sacerdotais emprestados do Antigo Testamento. Quando o autor da carta se refere à morte de Jesus, ora a compara ao sacrifício expiatório do Servo de YHWH (Mc 10,45; 14,24; Is 53), ora ao sacrifício da Aliança de Moisés aos pés do Sinai (Mc 14,24; Ex 24,8), ora ao sacrifício do cordeiro pascal (Mc 14,24; Ex 12,7.13.22). A partir da sua morte, ele aplica a expiação dos pecados, a instauração da nova e eterna Aliança e a salvação do seu povo.<sup>6</sup>*

Desta forma, tal sacerdócio não se baseia na lei de filiação carnal, mas no poder de uma vida indestrutível, tendo em vista a vitória de Cristo sobre a morte e conseqüentemente a sua introdução no Santuário

<sup>6</sup> RUFINO, 2021, p. 53.



Celeste, levando consigo toda a humanidade a partir da sua encarnação e do compadecimento daqueles que sofrem. Jesus revela o seu sacerdócio, a partir da dupla identidade que assume: Homem e Deus, Senhor e Servo, sua Paixão e Glória; sua relação com Deus (1,5-14) e com os seres humanos (2,5-16).

Pela fé somos inseridos neste mistério (Hb 12,2), como também, usufruímos do fruto da ação sacerdotal de Jesus: a expiação dos nossos pecados e a nossa introdução no santuário celeste, reflexo da perfeição de Cristo como sumo sacerdote. Tal realidade, transforma a existência e essência sacerdotal, pois Ele tornou-se tenda, santuário, oferenda, sacrifício e libação como fruto de uma nova aliança entre Deus e os homens.

Para sustentar a conclusão de que Jesus é o sumo sacerdote digno de confiança e compassivo, o autor de Hebreus apresentou uma extensa linha de raciocínio. Inicialmente, destacou a constante intervenção de Deus na história da humanidade através dos antepassados e profetas. No entanto, essa intervenção alcançou sua plenitude no Filho (Hebreus 1,1-4). Ele é um mediador superior aos anjos, não só por estar posicionado à direita de Deus, o que inspira confiança, mas também por compartilhar da natureza humana e assim ser solidário aos irmãos em toda e qualquer circunstância:

*O fato de Cristo estender o sacerdócio a todos os fiéis é fundamental para compreendermos a intuição do sacerdócio no antigo Testamento. Na verdade, Cristo não fez mais do que dar plenitude à lei antiga e estabelecer seu pleno cumprimento na nova aliança. Com isso, deu uma nova dinâmica ao sistema sacerdotal antigo e fez que o culto da nova aliança superasse a dimensão estática e mergulhasse na dimensão extática da liturgia. Em outras palavras, passasse da admiração estática à adoração extática, que define o culto cristão. Essas duas posturas culturais não denotam ruptura nem oposição, mas uma evolução, pois ambas refletem o desejo humano de comunicação com Deus.<sup>7</sup>*

Costa afirma que em (Hb 10, 16-17; Hb 10, 19-25), “o ‘sacerdote eminente’ é o próprio Cristo, e a ‘casa de Deus’ também é Cristo, ‘ministro das coisas santas e do verdadeiro tabernáculo (SC 8)<sup>8</sup>. O sacerdócio de Cristo é o cerne da fé cristã, representando o ápice da relação entre Deus e a humanidade. Essa compreensão transcende a ideia de um sacerdócio

<sup>7</sup> COSTA, V. S., *Sacramento da Ordem*, p. 46-47.

<sup>8</sup> *Sacrossantum Concilium*.



exclusivo e hierárquico, abraçando a todos os crentes como participantes ativos dessa comunhão sagrada.

Jesus segundo o autor da Carta aos Hebreus, abandona os princípios de separação cerimonial e enfatiza a importância da solidariedade fraterna. No que diz respeito a Glória: “aquele que foi feito um pouco menor que os anjos, Jesus, é agora coroado de glória e honra por causa da morte que sofreu” (Hebreus 2,9). Ele alcança a perfeição através do sofrimento e, assim, facilita a salvação de todos. Aquele que santifica e os que são santificados têm todos a mesma origem; por isso, ele não se envergonha de chamá-los irmãos” (Hebreus 2,11).

Desta forma, Cristo torna-se singular na realização plena da vocação humana, visto que sua solidariedade com a condição humana foi absoluta. Ao mesmo tempo, ele concretizou o plano divino para a humanidade. Sua transformação foi genuína, alcançando êxito ao mudar profundamente a partir de seu próprio interior.

Importante se faz ressaltar que no sacerdócio do Antigo Testamento, o foco estava na conexão com Deus. Por meio de Cristo, experimenta-se uma união íntima com Deus e uma profunda solidariedade com a humanidade. O papel do sacerdócio tem em sua centralidade, agir como mediador, mantendo uma relação dupla, tão perfeita quanto possível, tanto com Deus quanto com os seres humanos. Ao mesmo tempo, o texto retrata Cristo como o sumo sacerdote em quem se pode confiar e nos abre à seguinte indagação: Qual é o resultado de seguir Cristo?

Ao se unir a Ele, as pessoas se tornam santuários de Deus. Isso elimina qualquer ideia de fé individualista, já que a fé tem duas dimensões intrínsecas: estabelece uma conexão pessoal com Deus por meio de Jesus Cristo glorificado e, ao mesmo tempo, integra o crente na comunidade de fé. Essas dimensões não podem ser separadas, pois juntas definem a mediação de Cristo. Ele é o sumo sacerdote digno de confiança diante de Deus (cf. Hebreus 2,17) e digno de confiança em toda a sua comunidade (cf. Hebreus 3,2). Por um lado, os crentes já são considerados santuários divinos, mas também serão plenamente incorporados a ele quando entrarem na pátria celeste.

Ao se tornar o mediador entre o homem e o santuário divino, Cristo ofereceu a si mesmo como um sacrifício único, decisivo e irrevogável. A paixão e a glorificação de Jesus formam uma unidade inseparável, representando um sacrifício autêntico. O que antes era apenas uma



figura ou metáfora no Antigo Testamento agora se torna uma realidade incrivelmente tangível.

É evidente que a Cristologia se concentra no sacerdócio de Cristo, argumentando que, com sua ascensão, ele entrou de maneira definitiva no santuário celestial, onde permanece eternamente à direita do Pai, intercedendo por nós. Desta forma, a oferta de Cristo trouxe a reconciliação do homem com Deus e a possibilidade do homem ser capaz de Deus. E se Cristo realizou essa perfeita mediação, ele é, portanto, o único mediador entre Deus e os homens porque participa das duas condições: humana e divina.<sup>9</sup>

## O bom Pastor como identidade do Sacerdócio Ministerial

Em um dos relatos mais antigos, o livro do profeta Ezequiel, especificamente no capítulo 34, apresenta uma exortação aos pastores de Israel, abordando como discernir quem são os bons e maus pastores, como também as consequências de ser um mau pastor:

*A palavra de Iahweh me foi dirigida nestes termos: Filho do homem, profetiza contra os pastores de Israel, profetiza e dize-lhes: Pastores, assim diz o Senhor Iahweh: Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não devem os pastores apascentar o seu rebanho? Vós vos alimentais com leite, vos vestis de lã e sacrificais as ovelhas mais gordas, mas não apascentais o rebanho! Não restaurastes o vigor das ovelhas abatidas, não curastes a que está doente, não tratastes a ferida da que sofreu fratura, não reconduzistes a desgarrada, não buscastes a perdida, mas dominastes sobre elas com dureza e violência.<sup>10</sup>*

Para apascentar o rebanho, o grupo de Ezequiel apresenta Deus como o pastor do seu povo: “Assim diz o Senhor Javé: eu mesmo vou procurar minhas ovelhas para cuidar delas. Como o pastor conta seu rebanho quando está no meio de suas ovelhas que se haviam dispersado, eu também contarei minhas ovelhas e as reunirei de todos os lugares por onde se haviam dispersado, nos dias nebulosos e escuros” (Ez 34,11-12).

<sup>9</sup> LIMA, Regimário, *O Sacerdócio de Cristo na Carta aos Hebreus: Elementos Teológicos*, 2021, p. 15.

<sup>10</sup> (Ez 34, 1-4) In: BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. 2. impres. São Paulo: Paulus, 2003. Todas as citações serão retiradas dessa BJ.



No exílio, surge a promessa de que o próprio Javé-pastor dará ao seu povo o messias-pastor, como Davi, que liberta seu povo e o reúne num só rebanho: “Providenciarei um só pastor para cuidar de minhas ovelhas. Será o meu servo Davi. Ele cuidará delas e será seu pastor” (Ez 34,23). Segundo o grupo de Ezequiel, Javé, por meio do seu Messias como rei, governará seu povo.

É o messias rei que as autoridades religiosas judaicas pregariam ao longo dos anos posteriores até o tempo do Novo Testamento. Na época de Jesus, por exemplo, o povo judeu sonhava com um messias pastor como o rei Davi, que poderia estabelecer o reinado definitivo de Israel, derrotando os romanos e expulsando os governantes corruptos e opressores.

*Para os antigos, o Messias rei era também um representante da divindade semelhante ao sumo sacerdote da nação. Assim era Melquisedec, rei de Salém, que o autor da Carta aos Hebreus apresenta como um arquétipo provisório do Messias.<sup>11</sup>*

Este tema continua a ser abordado nos evangelhos sinóticos, tendo em vista que as comunidades cristãs compreendem e apresentam o seguimento de Jesus no caminho do messias servo: “Se alguém quiser seguir após mim, negue-se a si mesmo, carregue sua cruz e me siga” (Mc 8,34). Retrata desta forma, a fidelidade ao amor e à justiça do Deus da vida.

Sua prática como o messias servo é do carinho e do amor de um pastor também retratado na passagem de Marcos: “Quando Jesus desceu da barca, viu uma grande multidão e se encheu de compaixão, porque eram como ovelhas sem pastor” (Mc 6,34). Nas narrativas evangélicas, atenua-se a especialmente a de João em que Jesus é descrito diretamente como o bom pastor, com características do Messias Servo (Jo 10,1-18) que conhece suas ovelhas e elas o conhecem, e ninguém pode arrebatar-las de sua mão. Como os pobres da terra no exílio da Babilônia, a comunidade sofrida de João sonhava e rezava para que fosse conduzida e protegida por Jesus, o bom pastor.

A dimensão sacerdotal tem no cerne da sua essência, continuar a missão do Cristo Bom Pastor e prefigurar-se a Ele segundo seu coração. São João Paulo II na sua Exortação Apostólica Pastores Dabo Vobis

<sup>11</sup> PÉREZ, 1971, p. 27.



(1992, p. 32)<sup>12</sup>, aponta que os presbíteros são, na Igreja e para a Igreja, uma representação sacramental de Jesus Cristo o Bom Pastor.

Escolhidos por Deus para anunciarem autenticamente o Evangelho de Cristo, evitando uma religiosidade sem Deus, mesmo em meio a uma sociedade que tem enfrentado o esfriamento da fé e se preenchido de forma superficial, tem-se a missão de abastecer cada um dos fiéis como ovelhas que precisam de cuidado, zelo e carinho do seu pastor.

Ao assumir tal identidade, o sacerdote traz para si o pastoreio de Jesus que revela, uma dimensão social transcrita pelos evangelistas com a figura do rebanho, em um plano mais restrito, mas de forma mais ampla, na figura do Reino de Deus. Cristo, o Bom pastor, comunica vida em abundância (Jo 10,10).

Desta forma, assim como Jesus, o sacerdote estabelece com as pessoas relações de amizade e confiança, passando a conhecer cada uma delas. Neste aspecto, o verbo conhecer significa ter relações de intimidade e de comunhão. É o amor que cria a união: “Ele, que tinha amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13,1; 16,27; 17,26).

*Não se pode então definir a natureza e a missão do sacerdócio ministerial, se não nesta múltipla e rica rede de relações; que brotam da Santíssima Trindade, que se prolongam na comunhão da Igreja, como sinal e instrumento, em Cristo, da união com Deus e da unidade do todo gênero humano. Neste contexto a eclesiologia de comunhão torna-se decisiva para colher a identidade do presbítero, sua original dignidade, sua vocação e missão no povo de Deus e no mundo. A referência à Igreja, é, portanto, necessária é até prioritária na definição da identidade do presbítero.*<sup>13</sup>

Este é um aspecto de seu ser e de sua missão: ser vida e comunicar vida eterna. Tal é a missão de todo sacerdote amparado a luz da espiritualidade do Bom Pastor: comunicar vida, vida de Deus, com tudo o que diz, faz e é. Dar a vida é gesto máximo de liberdade e amor até o fim. Esta mesma liberdade é pregada e vivida por de Jesus juntamente com seu compromisso para a defesa da vida ameaçada. Não obstante, esta mesma identidade assume o papel da misericórdia, tendo em vista

<sup>12</sup> Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*, 1992, p. 32.

<sup>13</sup> Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*, 1992, p. 77.



que bondade e fidelidade são binômios dados nos escritos veterotestamentários e neotestamentários no que se refere a imagem do bom Pastor.

Tais apontamentos, revelam o cuidado de Deus para com seu povo desde toda a eternidade. É assim também na parábola do Bom Pastor, (Jo 10,1ss.), o Evangelista João ensina-nos que o Bom Pastor conhece as suas ovelhas e as chama pelo nome. Isto significa dizer que cada alma, é única aos olhos de Deus. Por essa razão, não há construções estereotipadas, válidas para todos, mas é preciso, tanto quanto possível, um apurado atendimento pessoal. Assim como o pastor, o sacerdote deve ser aquele que dá a vida pelas ovelhas e dar a vida é também possibilitar um distinto atendimento pessoal, que alimenta, renova e faz crescer a vida interior de cada um dos fiéis.

Este mistério apontado na construção do Bom Pastor, por natureza, tem sua origem no mesmo Senhor que dá a vida e nos comunica sua consagração e missão. Tal mistério é um dom, fonte inesgotável da graça de Cristo que a transmite por meio da vida dos seus sacerdotes para a vida da comunidade e sua realidade de pastor que está inserida no sacerdócio real de Cristo e onde brota novas vocações, fazendo com que a promessa de Deus ao seu povo seja renovada constantemente independentemente das mudanças de épocas que a sociedade viveu, vive e viverá.

Bento XVI corrobora:

*o ministério ordenado é descrito com a manifestação da imagem bíblica do bom Pastor que dá a vida para o seu rebanho, como participação na missão de Cristo e como presença sacramental de Cristo cabeça da Igreja [...] O próprio Cristo continua a sua missão sacerdotal de cabeça do seu povo por meio de ministros que, através dos apóstolos e de seus sucessores, Ele mesmo escolhe. O ministério ordenado se religa assim à unção e missão próprias de Cristo e d'Ele participada pelos apóstolos. Pelos seus sucessores e seus colaboradores.<sup>14</sup>*

De fato, aquilo que o Senhor prometeu, Ele cumpriu, cumpre e cumprirá na vida de seu povo que ao ter um encontro verdadeiro com o seu Senhor, reconhece a figura do Bom Pastor no sacerdote enquanto ministro da palavra, da eucaristia e de modo especial da misericórdia e do justo juízo ao procurar a ovelha perdida, não fazer acepção de pessoas e ter

<sup>14</sup> BENTO XVI, 2005.



um juízo ao mesmo tempo, justo e misericordioso durante o sacramento da penitência e visando salvar almas para o reino de Deus.

O sacerdote assume também a identidade de pastor de almas e este por sua vez, deve em primeiro lugar preocupar-se com aqueles que creem e vivem com a Igreja, que nela procuram o caminho da vida e que, como pedras vivas, edificam a Igreja e sustentam o sacerdote, que por sua vez, em primeiro lugar, é homem do sacrifício, pelo qual Deus é perfeitamente adorado.

Ao oferecer o sacrifício, Ele dirige as orações e súplicas dos homens e mulheres por meio de Jesus que é o ápice da vida e unidas à ação do Espírito Santo que vivifica e plenifica a Igreja, aproxima-os de Deus. Ao mesmo tempo, o sacerdote enquanto pessoa de Cristo Bom Pastor, traz aos homens a graça de Deus que excede todas as coisas, tendo em vista seu caráter de mediação a partir dos sacramentos, mas também pela transmissão fiel dos ensinamentos.

Por sua vez, Deus quis perpetuar a obra da redenção, especialmente no meio da comunidade e a partir da sua experiência paroquial. Entender que a paróquia é o lugar privilegiado da cultura do encontro onde todos, podem e devem fazer sua experiência de fé de uma forma enraizada a partir de sua realidade, é um ponto fundamental e primordial no caminho vocacional, seja ele para santidade, familiar, leigo e consagrado ou à vida sacerdotal. É na vida paroquial que os fiéis em especial, os jovens que aspiram o sacerdócio, encontram seu lugar, é a paróquia que o ajudará a discernir sua vocação.

É a partir das realidades vividas, do seu comprometimento, da participação na eucaristia, no serviço pastoral e missionário, das motivações – doutrinal, espiritual e eclesial que o jovem terá uma experiência concreta e assim, desenvolverá, alimentará e discernirá sua vocação de Bom Pastor, pois, esta não é sua, não é ideal ou ideia pessoal. Mas, sim, uma oferta paroquial à Deus.

## O Sacerdote e a seu caráter identitário

Se faz necessário entender que desde sua origem, o sacerdócio está intrinsecamente ligado a uma comunidade. Assim, como a Igreja, que é o embrião do Reino de Deus já presente neste mundo e destinado a se manifestar completamente no futuro, o sacerdócio representa a comunhão entre Cristo, como Cabeça, e o corpo composto por muitos membros.



Ele não é apenas um componente secundário da Igreja, tampouco um entre vários outros; ao lado da Palavra de Deus e dos Sacramentos, ele constitui os elementos essenciais desta comunidade que é o Cristo em sua totalidade.

O Vaticano II, nos aponta que o ministro ordenado atua “em nome de Cristo Cabeça, em favor de todo o Corpo, que é a Igreja”. Isso não é uma atividade abstrata e aleatória, mas sim a obra redentora do Filho, que se oferece ao Pai em prol dos seres humanos, que, no Espírito Santo, são feitos filhos no Filho <sup>15</sup>

Ressuscitado onde já não morre mais, e subindo aos céus, Cristo a Direita do Pai envia aos seus Apóstolos no cenáculo, o Espírito Santo com intuito de realizarem de forma plena a sua missão de serem dispensadores dos ministérios de Deus (1Cor 4,1), testemunhas do Evangelho da Graça (Rm 15,16; At 20,24) e o ministério do Espírito e da Justiça (2Cor 3, 8-9), ou seja, santificar, ensinar e governar:

*O Senhor Jesus Cristo, Sumo Pontífice, está presente no meio dos crentes na pessoa dos Bispos, assistidos pelos presbíteros. Assentado à destra de Deus Pai, não está ausente da congregação dos pontífices, mas sobretudo pelo exímio serviço deles prega a todas as gentes a palavra de Deus e continuamente administra os sacramentos da fé a todos os crentes. Com ofício paternal (cf. 1Cor 4, 15) deles, Cristo incorpora novos membros a Seu Corpo pela regeneração sobrenatural. E finalmente pela sabedoria e prudência deles dirige e ordena o Povo do Novo Testamento na sua peregrinação para eterna bem-aventurança.*<sup>16</sup>

Necessário se faz entender que a unidade e a comunidade estão estreitamente ligadas, pois o que mantém a unidade do sacerdócio ministerial, apesar da multiplicidade de sacerdotes ao longo dos séculos desde sua instituição por Cristo, é o fato de que cada sacerdote não apenas está inserido, mas também se identifica, pelo poder do Espírito Santo e pela graça do Sacramento da Ordem, transmitido pela imposição das mãos, com o mesmo sacerdócio de Cristo confiado aos Apóstolos.

Isso significa que aquele que é investido com tal dignidade não exerce simplesmente uma função delegada, mas atua na pessoa de Cristo Sacerdote e Pastor. Essa união é tão íntima que quando ele proclama,

<sup>15</sup> *Lumen Gentium*, n. 28, p. 73.

<sup>16</sup> VATICANO II, *Lumen Gentium*, n. 21, p. 62.



anuncia e ensina a Boa Nova, é o próprio Cristo presente no meio de seu povo realizando a mesma ação. Quando o sacerdote administra os Sacramentos, especialmente a Eucaristia, é o próprio Cristo quem se oferece como a perfeita e agradável vítima, conduzindo necessariamente à presença do Pai.

O presbítero é desta forma, convocado a estender a presença amorosa de Cristo, o Bom e Belo Pastor. Ser pastor é estar sempre junto das ovelhas, e exercer o pastoreio seguindo o exemplo de Jesus, o Supremo Pastor, no qual toda a prática pastoral encontra seu significado mais profundo, revelando-se no dom da vida, para oferecer às ovelhas a plenitude da existência verdadeira.<sup>17</sup> Outro elemento fundamental é reconhecer que o rebanho não pertence ao sacerdote, mas pertence ao Bom Pastor. Os padres são apenas encarregados do rebanho de Cristo Jesus. O texto da Primeira Epístola de São Pedro (5,1-4), fornece orientações sobre como devemos cuidar do rebanho que nos foi confiado:

*Aos presbíteros que estão entre vós, eu, que sou presbítero como eles, testemunha dos sofrimentos de Cristo e participante da glória que será revelada, exorto: pastoreai o rebanho de Deus que está entre vós, cuidando dele, não por constrangimento, mas de livre vontade, como Deus quer; não por ganância desonesta, mas com generosidade; não como dominadores dos que vos foram confiados, mas sendo exemplos para o rebanho. E quando aparecer o Pastor supremo, receberéis a coroa da glória que não se desvanece.*<sup>18</sup>

Em outras palavras, o cuidado e o zelo para com o rebanho do Senhor, significa procurar ter as mesmas atitudes que Deus tem para com o seu povo, o seu rebanho. Não devendo, pois, o sacerdote ser pastor segundo seus caprichos ou neuroses, mas, buscar ser uma presença misericordiosa como a do Bom Pastor, especialmente para aquelas ovelhas que estão perdidas e necessitam de seu amor, da misericórdia e da reconciliação com Deus.

O papel do sacerdote é de ser um sinal visível e tangível da presença de Cristo; além disso, o cristianismo se manifesta primeiramente na vida real: a palavra só ganha significado quando relacionada com a experiência vivida. Nesse contexto, os sacerdotes devem constantemente

<sup>17</sup> SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, Parte seconda, 492.

<sup>18</sup> 1Pe (5,1-4) In: BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. 2. impres. São Paulo: Paulus, 2003. Todas as citações serão retiradas dessa BJ.



lembrar-se da importância de sua conduta diária. Suas ações e preocupações devem refletir genuinamente a natureza pastoral e sacerdotal de seu ministério, dirigindo-se tanto aos fiéis quanto aos não fiéis, tanto aos católicos quanto aos não católicos. Eles devem testemunhar a verdade e uma vida de acordo com essa verdade para todos. O encargo pastoral, por sua vez, envolve o cuidado em levar esse testemunho a todos os crentes e não crentes, mantendo-se atentos às necessidades espirituais daqueles aos quais servem.

Quando a mensagem divina é recebida e internalizada, ela capacita a cada um deles a serem livres e produtivos. Isso foi evidente na vida dos notáveis personagens bíblicos ao longo da história da redenção, e ainda hoje, continua a manifestar essa mesma transformação na vida de inúmeros homens e mulheres.

### A importância do Processo Formativo na configuração à Jesus Bom Pastor

As Diretrizes para a formação dos presbíteros destacam o propósito principal da formação: “Formar pastores do povo de Deus para seguir os passos de Jesus Cristo”; “guiá-los para alcançar a santidade e se tornarem discípulos missionários, assumindo plenamente o papel de pastores autênticos do Povo de Deus”. Além disso, as Diretrizes delineiam o objetivo específico da formação dos futuros presbíteros: “que desenvolvam uma profunda relação com Deus, moldados pelo coração compassivo do Bom Pastor, receptivos à orientação do Espírito Santo, alimentando-se da Palavra de Deus, da Eucaristia e da vida de oração<sup>19</sup>.”

São João Paulo II apresenta a identidade sacerdotal sempre associada à figura do Bom Pastor, que para ele, tem sua gênese no seio da Santíssima Trindade. Por sua vez, recebido o sacramento, o sacerdote é configurado a Cristo cabeça da Igreja e recebe nova capacidade de agir e uma vez ordenados, os presbíteros tornam-se homens novos, inseridos ontologicamente no mistério de Cristo que se atualiza constantemente, ou seja, há uma continuidade intrínseca e fundamental entre o ministério sacerdotal instituído e a missão do Cristo Redentor.

Tal construção se dá por meio da vivência pastoral da comunidade, onde brotam novas vocações e há um encontro consigo mesmo daqueles

<sup>19</sup> CNBB, *Diretrizes*, p. 87.



que são vocacionados à vida sacerdotal. O convite atendido por tantos jovens que anseiam ardentemente doar a sua vida pelo reino, pelos outros e pela Igreja e mais que isso, serem um outro Cristo, um Bom Pastor que conheça as suas ovelhas pelo nome e que deixa as 99 no redil para buscar a ovelha perdida, muitas vezes torna-se desprezado pelas equipes formativas dos seminários durante o processo de discernimento.

Entende-se que o discernimento vocacional é construído com o passar dos dias e através da vivência espiritual com o Cristo Bom Pastor através das etapas necessárias ao processo formativo. Muitos dos jovens e agora com as mudanças epocais, adultos que apresentam vocações maduras e que aspiram a vocação sacerdotal, são ‘dispensados’ de forma não humanizada, sem caridade pastoral por aqueles que estão à frente do processo de discernimento e que na maioria das vezes, não conhecem seu histórico de conversão, luta diária para viver a santidade e a sua realidade pastoral e social à luz das dimensões humana, afetiva, comunitária, pastoral e intelectual, mesmo quando o pároco responsável por estes jovens e adultos, que convive com eles diariamente e os conhece bem, chancela os sinais de vocação respectivamente.

A participação da Pastoral Vocacional na seleção dos futuros seminaristas é imprescindível. De acordo com o Documento de Aparecida, essa Pastoral deve começar na família e continua na comunidade cristã. As dificuldades que surgem dentro do processo, muitas vezes se dão pela falta de assessoria de especialistas. As pesquisas realizadas por Gaston de Mézerville apresentam uma multiplicidade de problemas posteriores que se explicam pelo fato de que faltou acompanhamento sério por parte de um profissional habilitado.

Como decorrência do batismo, a vocação sacerdotal não deve ser vista como uma promoção, uma ascensão de status social alcançada através do sacerdócio. O discernimento vocacional deve ser orientado pelo exemplo do pastor que serve e sacrifica sua vida, ou seja, pela gratuidade. Portanto, é crucial enfatizar que a vocação vai além de um convite para participação; é um chamado para que todos os batizados se inspirem nas primeiras comunidades cristãs.

Os erros iniciais no processo de escolha dos candidatos a viverem o tempo da formação, podem acarretar escolhas errôneas por parte da equipe formativa, fazendo com que o candidato escolhido por eles, siga no processo e após sua ordenação, haja uma grande probabilidade de se deixar o ministério ou entrar em crise vocacional. O abandono da



vida ministerial aponta suas causas na frequente designação de recém-ordenados para atender as necessidades pastorais mais urgentes, em paróquias mais distantes e isoladas.

Isto nos abre a seguinte indagação a partir do momento em que nós enxergamos o nosso contexto social: A formação oferecida nos seminários é capaz de configurar o futuro presbítero a Jesus Pastor, e a lhe oferecer ferramentas suscetíveis para que saiba lidar com as várias situações pastorais?

De fato, a vocação é dom de Deus, e seus sinais são visíveis. E uma das maneiras de deixar com que Jesus fale conosco e desperte um questionamento interno acerca do chamado pessoal é o processo formativo no Seminário que nos configura à Cristo Bom Pastor.

Esse itinerário produz nos candidatos ao sacerdócio muito mais que apenas um encontro com Ele, mas um real processo de decisão, isto é, possibilita ao vocacionado à vida presbiteral, desde já, ter o seguimento ao Senhor como uma opção fundamental para a sua vida. Isso é possível perceber na medida em que se deixa a Palavra encontrar espaço para armar a sua tenda (Sl 18[19],5) e vencer as resistências do coração (Jt 16,14), tornando-se cada vez mais livre para dizer: Faça-se tudo o que queres (Mt 26, 39).

Bento XVI expressa numa ótica formativa o que de fato é o lugar de encontrar-se consigo mesmo e com a vocação:

*O seminário é tempo de caminho, de busca, mas sobretudo, de descoberta de Cristo. De fato, à medida que se faz uma experiência de Cristo, o jovem pode compreender verdadeiramente a sua vontade e em consequência a própria vocação. Quanto mais conheceis Jesus, tanto mais o seu ministério vos atrai; quanto mais o encontrais, tanto mais estareis impulsionados a procurá-lo. É um movimento do espírito que dura toda a vida e que encontra no seminário uma estação repleta de promessas, a sua primavera.<sup>20</sup>*

O Papa Francisco em sua Exortação Apostólica *Christus Vivit*, corrobora ao dizer que a busca incessante pela vocação, tem em seu caminho, um segundo estágio que é permitir-se a escuta interior, o que auxiliará o candidato em seu discernimento:

<sup>20</sup> BENTO XVI, *Aos seminaristas em Colônia*, 19 de agosto de 2005.



*Uma expressão do discernimento é o esforço por reconhecer a própria vocação. É uma tarefa que requer espaços de solidão e silêncio, porque se trata duma decisão muito pessoal que mais ninguém pode tomar no nosso lugar. Embora o Senhor nos fale de muitos e variados modos durante o nosso trabalho, através dos outros e a todo o momento, não é possível prescindir do silêncio da oração prolongada para perceber melhor aquela linguagem, para interpretar o significado real das inspirações que julgamos ter recebido, para acalmar ansiedades e recompor o conjunto da própria vida à luz de Deus. Este silêncio não é uma forma de isolamento, pois devemos lembrar-nos que o discernimento orante exige partir da predisposição para escutar: o Senhor, os outros, a própria realidade que não cessa de nos interpelar de novas maneiras. Somente quem está disposto a escutar é que tem a liberdade de renunciar ao seu ponto de vista parcial e insuficiente [...]. Desta forma, está realmente disponível para acolher uma chamada que quebra as suas seguranças, mas leva-o a uma vida melhor, porque não é suficiente que tudo corra bem, que tudo esteja tranquilo. Pode acontecer que Deus nos esteja a oferecer algo mais e, na nossa cômoda distração, não o reconhecamos.<sup>21</sup>*

São João Paulo II, por sua vez, reconhece que essa escuta ativa se dá por meio da espiritualidade, na vivência da vida paroquial e no desenvolvimento do apostolado dos leigos. Ele destaca a necessidade de ter sacerdotes bem formados e santos para que essa escuta seja eficaz.

*Quanto mais se aprofunda o sentido da vocação própria dos leigos, tanto mais se evidencia o que é próprio do sacerdócio. De fato, a obra não é nossa, mas de Deus. Aquele que nos chamou e nos convidou, permanece conosco todos os dias de nossa vida. [...] Devem se reconhecer além disso que os jovens de hoje, são portadores dos ideais que fazem caminho na história: a sede da liberdade, o reconhecimento do valor incomensurável da pessoa, a necessidade de autenticidade e de transparência, um novo conceito e estilo de reciprocidade nas relações entre o homem e a mulher abrindo-se ao diálogo e promovendo um mundo mais justo e solidário. Os jovens se tornam cada vez mais ativos e protagonistas pela participação e pela experiência de uma Igreja solicitada para a “Nova Evangelização” e pela fidelidade ao Espírito que anima e pelas exigências do mundo afastado de Cristo, mas necessitado dele.<sup>22</sup>*

Outro aspecto apontando pelo Pontífice é o conhecimento da natureza e da missão do sacerdócio ministerial. Para ele, é o pressuposto

<sup>21</sup> Exortação Apostólica *Christus Vivit*, 2019.

<sup>22</sup> Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*, 1992, p. 77.



irrecusável, e, ao mesmo tempo, o guia mais seguro, e estímulo mais premente para desenvolver na Igreja a ação pastoral de formação e discernimento das vocações sacerdotais e da formação dos chamados ao ministério ordenado.

A PDV<sup>23</sup> também aponta que no seguimento fiel a Jesus Cristo, o autor aponta que o formando precisa e deve conhecer a si mesmo em profundidade, aprender a amar as pessoas, grupos, comunidades, especialmente os mais pobres, e conferir sentido teológico e espiritual às opções, escolhas, sacrifícios e renúncias feitas em plena liberdade e na força do amor, características fundamentais para aqueles que desejam configurar-se a Cristo Bom Pastor.

Outro aspecto crucial que não pode ser negligenciado é a relação entre sinodalidade e vocação presbiteral. O candidato ao sacerdócio deve compreender e estar integrado ao contínuo processo de evangelização dentro das realidades estruturais em que está inserido, promovendo cada vez mais a sinodalidade junto ao Povo de Deus, que deve caminhar ao seu lado.

Além disso, ele deve procurar ser Igreja na unidade, estabelecendo uma relação dialógica entre a proposta de uma Igreja sinodal e o presbiterato almejado por ele, lembrando-se que o sacerdote, enquanto homem, é retirado do meio do povo e, como padre, é enviado de volta à comunidade para caminhar com este povo, fazendo com que sua identidade esteja profundamente ligada a cada um deles em todos os sentidos.

Um ponto de alerta que pode impedir a realização plena desta relação simbiótica no tocante a identidade de Bom Pastor para com o povo de Deus, é o reflexo e os efeitos do seminário na formação no candidato ao ministério sacerdotal. É onde entra a importância de um formador com uma boa estrutura intelectual e psicológica na condução do processo. Segundo Cozzens,<sup>24</sup> muitos dos seminaristas são ‘dominados’ por um longo período e levados a acreditar que o que quer que o formador diga é a voz de Deus. Este por sua vez, quando recebe o Sacramento da Ordem e alcança autoridade, torna-se dominador, opressor e intransigente. Para a autora, sua caminhada foi constituída de tantas frustrações e opressões, que agora ele como padre, acredita que pode fazer tudo do seu jeito.

Esse comportamento, é um dos fatores preponderantes para que haja um perigo significativo de que um clericalismo exacerbado,

<sup>23</sup> Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*, 1992, p.77.

<sup>24</sup> COZZENS, *A face mutante*, p. 37.



alimentado pelo individualismo, possa emergir, fazendo com que o seu ministério seja visto como um poder a exercer e não como um serviço gratuito e generoso a oferecer.

O Papa Francisco nos lembra que o clericalismo é um espinho, é um flagelo, é uma forma de mundanismo que contamina e prejudica o rosto da noiva do Senhor [a Igreja]; escravizando desta forma, o povo santo e fiel de Deus.

Se faz necessário lembrar que o Concílio Vaticano II (1962-1965) introduziu uma mudança significativa ao enfatizar um princípio da Tradição antiga: a igualdade fundamental entre clérigos e leigos como batizados e membros do Povo de Deus. Em vez de destacar a tradicional distinção e separação, o Concílio ressaltou a igualdade básica entre todos os membros da comunidade eclesial (cf. LG 9-13).

Além disso, o Concílio criticou a visão limitada do ministério ordenado, que o reduzia à gestão sacral das necessidades religiosas, e ampliou seus horizontes para incluir o serviço aos pobres e marginalizados, o diálogo inter-religioso, a participação social e a adaptação do ministério a contextos desafiadores (cf. PO 3,9,22).

A partir destes contextos, é preciso que a formação propicie ao aspirante ao sacerdócio uma educação para a prática do amor autêntico, que se traduz em compromisso. Ao mesmo tempo, desenvolver o entendimento de que é fundamental que sua vida esteja impregnada de disposição para o serviço e integridade, a fim de participar e mergulhar no mistério de Jesus através de sua ação sacrificial. Isso permite que ele esteja repleto e transbordante da presença do Espírito Santo, capacitando-o a compartilhar generosamente esses dons com seus irmãos. Estando ele, apto a atender os anseios e necessidades do povo de Deus, que clama por atenção, cuidado e compreensão.

## Uma nova configuração e o fenômeno do surgimento das vocações adultas

É evidente que a formação presbiteral tem sido desafiada pelas mudanças de época, o contexto que estamos inseridos tem tido rápidas transformações e constituindo desta forma, um tempo de liquidez onde as estruturas sociais, culturais e até mesmo religiosas parecem fluidas e em constante dinâmica, muitas vezes inalcançáveis por quem está dentro do processo de discernimento.



Essa liquidez afeta profundamente a formação dos futuros sacerdotes, pois demanda uma abordagem flexível e adaptável para prepará-los para o ministério em um mundo em constante mudança, onde os próprios seminaristas são nativos digitais. Os desafios incluem a necessidade de integrar as realidades contemporâneas, como avanços tecnológicos, diversidade cultural e mudanças nas dinâmicas sociais, que vão desde a formação à espiritualidade e prática pastoral. Em outras palavras, o desafio é projetar-se em direção ao futuro, de um modo prospectivo.

Cientes de que o ministério pastoral do presbítero consiste no anúncio e testemunho da salvação em Jesus Cristo, a partir da configuração total a Ele pelo sacramento, cuja missão se cumpre no exercício ministerial, o seminário adota, em seu programa de formação, um caminho que se assemelha ao processo mistagógico, no qual, de forma semelhante ao itinerário catecumenal, o formando é guiado e introduzido nos mistérios pela equipe de formação que o acompanha ao longo do percurso.

Dentro das mudanças de época que tem acompanhado a realidade formativa, encontramos um elemento que tem modificado ou espera-se que modifique a estrutura de formação dos futuros presbíteros. Trata-se das vocações adultas.

Muitos jovens-adultos, após uma certa idade e já tendo percorrido caminhos comuns a outros – como namorar, cursar faculdade e adquirir experiência profissional nas diversas áreas – sentem-se chamados a encontrar paz e sentido na vida religiosa, onde a família e os amigos menos esperam. Decidem sem reservas consagrar suas vidas a Jesus, com o profundo desejo de segui-lo.

Para embasar este tema, traz-se o Evangelho de São Mateus (Mt 20, 1-15), conhecido como a Parábola dos trabalhadores da vinha e que nos ensina que Deus chama em todas as horas, em todas as idades e envia para trabalhar em seu Reino. Algo que parte das equipes formativas ainda não compreenderam.

Entende-se que com as mudanças de época, a inserção dos jovens no mercado de trabalho e na vida acadêmica, somada a mudança de mentalidade, faz com que, estes adultos com mais de 30 anos, tenham decisões importantes para a vida tomadas tardiamente.

Por ter mais idade, personalidade formada, independência financeira, liberdade interior e um determinado grau de sabedoria a partir de experiências de vida, espera-se que o vocacionado tenha maior maturidade,



formação, vivência cristã, comprometimento com a comunidade onde vive, trabalho e uma motivação vocacional consistente. Se a vocação, por um lado, é uma iniciativa gratuita, de outro, depende da maturidade humana, da abertura do indivíduo, de uma tarefa que implica a construção pessoal, que acima de tudo é configuração a Cristo Bom Pastor.

É salutar enfatizar que este fenômeno é notável por diversos motivos e apresenta desafios e oportunidades únicos tanto para os candidatos quanto para a Igreja. Indivíduos que recebem o chamado em idade adulta geralmente trazem uma bagagem considerável de experiências de vida, o que pode enriquecer o ministério sacerdotal com uma compreensão mais profunda das realidades cotidianas dos fiéis.

A história bíblica e da Igreja oferece vários exemplos de chamados tardios. São Paulo, por exemplo, foi chamado após uma dramática conversão adulta. Na história da Igreja, muitos santos e personagens importantes sentiram o chamado à vida religiosa depois de uma vida inicial secular. Documentos da Igreja, especialmente a *Lumen Gentium* e *Presbyterorum Ordinis*, enfatizam a universalidade do chamado de Deus e a importância da resposta pessoal a este chamado, independentemente de qual for a idade. Ao mesmo tempo, o Catecismo da Igreja Católica, em seus parágrafos 1578 e 1598, abordam sobre a importância do chamado de Deus e como a Igreja deve estar aberta a acolher vocações em todas as fases da vida.

Neste sentido, a pastoral vocacional juntamente à equipe formativa, precisam também estar abertos a esta nova realidade, criando subsídios e estratégias didáticas que façam com que os candidatos tenham um processo diferenciado do que é apresentado nos seminários tradicionais, tendo em vista o ‘abismo’ de gerações entre vocações adultas (o que para este homens, o acompanhamento do processo formativo tradicional de formação presbiteral não é o mais apropriado) e vocações jovens, o que termina desmotivando ambos os perfis.

A *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis* – Diretrizes para a formação de presbíteros da Igreja no Brasil (2016), propõe que o acolhimento inicial destas pessoas exige um prévio caminho espiritual e eclesial, durante o qual se possa desenvolver um sério discernimento das motivações vocacionais. Corroborado pelo Cân. 233 em seu inciso 2<sup>25</sup>, que orienta aos sacerdotes, e especialmente os Bispos diocesanos,

<sup>25</sup> Código de Direito Canônico, 2024.



mostrarem-se solícitos, para que os homens de idade mais madura que se julguem chamados aos ministérios sagrados, sejam prudentemente auxiliados com palavras e obras e se preparem convenientemente os ministérios sagrados.

A missão da Igreja é aquela de cuidar do nascimento, discernimento e acompanhamento das vocações, em particular, das vocações ao sacerdócio. Em casos específicos que podem e devem se aplicar à formação de vocações adultas, o Cân. 235 em seu inciso 2<sup>26</sup>, propõe que os que legitimamente residirem fora do seminário, sejam confiados pelo Bispo diocesano aos cuidados de um sacerdote piedoso e idóneo, que vele para que se formem diligentemente na vida espiritual e na disciplina.

Estudos conduzidos pelo *Center for Applied Research in the Apostolate* (CARA) mostram que uma proporção significativa de seminaristas adultos que anteriormente tinham carreiras seculares, ao serem admitidos a um processo de discernimento vocacional, trazem uma perspectiva valiosa e uma capacidade de se relacionar com os leigos de maneira mais íntima e prática. É inquestionável que as vocações sacerdotais adultas representam uma dimensão importante e enriquecedora na vida da Igreja, tendo em vista que, ilustram a capacidade de resposta contínua ao chamado de Deus e a diversidade de caminhos que podem levar ao sacerdócio.

Aqui não se trata somente de estar disposto a escutar um ensinamento e aceitar um mandamento com obediência. Trata-se de unir-se à própria pessoa de Cristo, de compartilhar sua vida e seu destino, de participar de sua obediência voluntária e amorosa à vontade do Pai.

Neste sentido, a dinâmica que pode ser adotada a este público, emerge das diferentes realidades e vivências diocesanas ou religiosas. A primeira delas, é aceitar que há operários da última hora e vocações adultas e desta forma, sendo necessário adotar novas propostas de formação presbiteral sejam para dioceses ou congregações religiosas de acordo com um oportuno método pedagógico e didático que leve em consideração o seu perfil pessoal.<sup>27</sup>

Antes de tudo, A formação presbiteral precisa integrar essas vivências, reconhecendo a maturidade emocional e as habilidades adquiridas previamente, e canalizando-as para o serviço pastoral. Esse processo

<sup>26</sup> Código de Direito Canônico, 2024.

<sup>27</sup> *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, p. 16.



pode ser enriquecido com uma compreensão mais profunda das questões contemporâneas e uma abordagem pastoral que ressoe com a experiência de vida adulta.

Ao reconhecer e valorizar as experiências de vida dos candidatos adultos, a Igreja pode preparar sacerdotes que não só estão profundamente enraizados na fé, mas também são capazes de ministrar de maneira eficaz e relevante às comunidades que servem. A abordagem personalizada e flexível da formação presbiteral para este público torna-se essencial para responder aos desafios e aproveitar as oportunidades que essas vocações trazem, contribuindo para uma Igreja mais rica, diversificada e sinodal.

Para embasar nossa linha de pensamento, Pavone (2012) nos aponta:

*Normalmente os esquemas cognitivos, afetivos e conativos típicos da vida adulta se diferenciam daqueles de fases anteriores pelo grau de integração e, portanto, não somente no nível quantitativo, mas também, e sobretudo, no nível qualitativo. Isso significa que o adulto não é uma criança crescida que sabe mais ou sente mais (algo que se dá a entender quando o adulto é colocado no seminário com adolescentes/jovens). Ele conhece de maneira diferente porque é capaz daquela objetividade mediada pelos significados, possibilitada pelas estruturas mentais com as quais é dotado. Agora ele possui não somente um espectro mais amplo de emoções, mas também as vive de modo mais intenso ou pacato.<sup>28</sup>*

Sem uma oportuna formação humana, toda a formação presbiteral ficaria privada do seu fundamento.<sup>29</sup> e de certo, afeta diretamente as outras dimensões, como a Comunitária – que nos traz o sentido da vida e da missão do presbítero que é determinado pela qualidade e profundidade da sua experiência de comunhão.<sup>30</sup>

Isso permite-nos entender o formando diante de duas realidades fundamentais na vida do presbítero: a comunhão de fé com o bispo e com todo o presbitério; e a partilha da vida com o Povo de Deus, a quem deve estimar, acolher, servir e amar. Reflexo da vivência espiritual, onde o formando abre-se à ação do Espírito Santo para se chegar a uma adesão plena à pessoa de Jesus Cristo de tal modo a conformar-se com seus pensamentos, palavras e ações.

<sup>28</sup> PAVONE, 2012, p. 270.

<sup>29</sup> PDV, n. 43.

<sup>30</sup> DAp, n. 278, n. 266.



Tendo desta forma um coração misericordioso como o coração de Jesus, assumindo em sua própria vida aquilo que exprime o apóstolo São Paulo: ter os mesmos sentimentos de Cristo (cf. Fl 2,5). Isso possibilitará que o formando a partir da sua inserção Pastoral princípio unificador de todo o processo formativo, seja qualificada assim o ministério pastoral a partir da ação e condução do Espírito Santo de Deus.<sup>31</sup>

Pavone (2012), ainda nos diz:

*A imagem sentida de Deus que o adulto é capaz de ter também é qualitativamente diferente de antes. Trata-se daquela representação mental da qual depende, de uma maneira ou de outra, a relação que é capaz de estabelecer com Ele. Torna-se evidente, assim, que o desenvolvimento religioso não se resolve aumentando o espectro do saber ou do sentir Deus, mas se realiza na conquista estrutural de uma modalidade mais madura e integrada de vê-Lo, de senti-Lo e de “vivê-Lo”. Com essas considerações, o formador se torna mais consciente de que a vida adulta é a fase da vida não dá diferenciação, da identificação e da experimentação, como é a fase precedente, mas, sim, da integração e da internalização e, portanto, da adesão livre e consistente ao bem em si.” (o que exige outra pedagogia; mais aquela de aprender fazendo e experienciando, mais do que predominantemente adquirir mais conhecimento e viver as regras.<sup>32</sup>*

Importante se faz ressaltar que “Vocações adultas” sempre existiram; na verdade era a regra. Somente a partir do Concílio de Trento (1545-1563) abriu-se a possibilidade de iniciar a caminhada formativa com 12 anos de idade (seminários).

A convivência entre grupos de candidatos ao sacerdócio com idades cronológicas muito discrepantes não é benéfica. Um adulto que passa todo o tempo com jovens em um seminário pode experimentar regressão e desânimo, afetando negativamente o seu processo de discernimento. Nesse contexto, a *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastoris Dabo Vobis* corrobora:

*Nem sempre é possível, e muitas vezes nem sequer é conveniente, convidar os adultos a seguir o itinerário educativo do Seminário maior. Deve-se, antes, providenciar, depois de um cuidadoso discernimento acerca da autenticidade de tais vocações, no sentido de programar uma forma específica de acompanhamento formativo que consiga assegurar;*

<sup>31</sup> Doc. 93 CNBB, n. 300.

<sup>32</sup> PAVONE, 2012, p. 277.



*por meio de oportunas adaptações, a necessária formação espiritual e intelectual.*<sup>33</sup>

O perfil aqui tratado destas vocações, são homens entre 29 e 50 anos, candidatos *virii probatti*, ou seja, homens com caráter atestados, solteiros e pré-dispostos a viver o celibato pelo Reino de Deus. Abrir-se a esta realidade, e saber lidar com os candidatos que desejam fazer a passagem de uma profissão secular para a Vida Consagrada e/ou o ministério eclesial e ao mesmo tempo ter consciência pastoral que estes mesmos, merecem atenção especializada e sintonizada com as suas necessidades e possibilidades, sempre enquanto Igreja colocando-se no lugar do candidato para perguntar: “A pessoa vai se realizar (conosco)? Ela poderá ser feliz como religioso(a), presbítero?” Perguntas essenciais, tendo em vista que a Igreja é mãe e não uma empresa. Para isto, Gasperowicz (2010) contribui:

*Deus se adapta a nós para que possamos entrar em um diálogo profundo com Ele. Para fazer-se interceptar, Deus – em sua infinita condescendência – se adapta à nossa linguagem, ao nosso estilo de personalidade. Com Abraão usa o diálogo afetivo; com Jacó se coloca em luta; com Moisés se mostra ciumento; com Oséias se faz dócil..., com Ignácio de Loyola o diálogo é batalhador e sistemático; com Tereza d’Ávila a relação é apaixonada e fortemente erótica; com Teresa de Lisieux a relação é fundada sobre a simplicidade e a ingenuidade da infância”.*<sup>34</sup>

A procura de homens com o perfil mencionado, em busca de apoio da Pastoral Vocacional da arquidiocese de Curitiba (PR), tendo em vista a formação para se tornarem padres fez com que uma nova modalidade de acompanhamento fosse pensada. Surge desta forma, o Instituto Discípulos de Emaús (IDE). Destinado a vocações adultas, que oferece desde 2019, um processo formativo sem necessidade de residência no seminário, destinado à formação de diáconos permanentes e presbíteros. Experiência exitosa no Regional Sul 1, onde, os candidatos trabalham normalmente e todos os vocacionados participam de aproximadamente 20 finais de semana no IDE (por ano), em Curitiba, seguindo o programa formativo integral em grupo.

Além disso, devem estudar Filosofia e Teologia (vocacionados ao presbiterato) ou somente Teologia (vocacionados ao diaconato) pelo

<sup>33</sup> JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastoris Dabo Vobis*, n. 64.

<sup>34</sup> GASPEROWICZ, 2010, p. 78.



sistema EAD (Ensino a Distância) em uma das instituições conveniadas ao IDE (UNINTER). Aqueles que têm por objetivo ser diáconos permanentes terão uma formação de quatro anos, depois poderão ser ordenados. Aqueles que pretendem ser presbíteros, após quatro anos de formação, deixarão suas residências e suas atividades profissionais a fim de morar por dois anos em uma paróquia, onde realizarão um estágio pastoral.

Em casos em que os candidatos venham com a formação acadêmica completa, estes têm de qualquer maneira, de participar do programa formativo no Instituto. Contudo, a duração total do processo formativo será avaliada, neste caso, conforme cada situação. Importante salientar que o modelo adotado na Arquidiocese de Curitiba lembra também os modelos de institutos deste tipo que existem no norte da Europa, em especial na Holanda.

Um ponto importante, é que é essencial redobrar a atenção com os candidatos, pois os desafios enfrentados por adultos são diferentes e muitas vezes maiores em comparação aos jovens que buscam os seminários. O histórico do candidato adulto deve ser cuidadosamente analisado, para que nenhum aspecto relevante seja negligenciado. Uma pergunta fundamental a ser considerada é: por que o desejo de ingressar na vida religiosa surgiu somente agora? É importante identificar possíveis fatores limitantes, como problemas anteriores em outras casas de formação ou um histórico de fracassos e ambiguidades afetivas e familiares, que devem ser motivos de cautela. Avaliar o engajamento eclesial ao longo da vida do candidato é indispensável. Isso inclui verificar a maturidade da fé, a prática da caridade, e a participação em grupos e movimentos religiosos.

É inevitável que, provocar no adulto a grande mudança do “ser eficiente” (o que aprendeu no século) para “ser (pastoralmente) eficaz”. É uma das grandes missões da equipe formativa, especialmente para sensibilidade pastoral, para ser pastor, pescador, missionário. Este é um dos maiores desafios do trabalho com adultos que desejam deixar o viés secular para se consagrar totalmente a Deus, dedicando a sua vida ao “labor da fé”. Em vez de predominantemente resolver, o adulto deve aprender mais a contemplar. Não se pode “resolver” as questões pessoais do candidato, mas pode-se e deve-se contemplar na pessoa o que Deus nela está realizando e caminhar juntamente com ela.



## Uma discussão sobre a identidade do sacerdote e os conflitos com a pós-modernidade

A identidade é um “produto da construção da sociedade e da história onde mantém-se a relação de poder de acordo com o modelo essencialista” (Hall, 2005, p. 12) O autor ainda aponta que a identidade é erigida e modificada, pois não existem identidades que não passaram por mudanças ao longo dos anos e quando isso ocorre ela muda de acordo como é vista e interpretada pelos outros.

Partindo desta premissa, pode-se analisar o contexto dos últimos 20 anos em que apresenta-se a crise do sacerdócio, haja vista, as constantes mudanças e rápidas transformações sociais e especialmente tecnológicas na pós modernidade somada as incertezas teológicas apontadas pela sociedade e reflexo da secularização que tenta a todo custo adequar a religião às necessidades desta nova sociedade desencadeando uma crise identitária que vai refletindo dos fiéis aos sacerdotes que por sua vez, tem perdido a segurança acerca da sua vocação e a real função do sacerdócio dentro da sociedade.

A construção da identidade presbiteral começa nas primeiras etapas da formação e é vista como uma extensão do “caminho de discipulado” que se inicia com o batismo e se aprofunda com os outros sacramentos da iniciação cristã. Esse percurso atinge um marco importante com a entrada no Seminário e continua ao longo de toda a vida.

A figura do discípulo também indica que o ministério sacerdotal é um caminho de serviço: serviço a Deus e ao próximo, em imitação a Jesus o Bom Pastor. Quanto mais o presbítero reconhece que está em uma caminhada, mais humildemente ele viverá seu ministério, tornando-se um exemplo para o povo de Deus.

Contudo, o sacerdote por sua vez, não sabe mais em que esfera agir, de um lado a doutrina da igreja que para muitos é defasada, de um outro a interação social.

Esta situação, desencadeia no sacerdote pós-moderno o sentimento de indecisão sobre a decisão a ser tomada diante dos problemas cotidianos. Embora muitos teóricos afirmem que a crise institucional foi provocada diante da crise da sociedade, (porque a Igreja não estava preparada para as necessidades desencadeadas do homem pós-moderno), São



João Paulo II nos aponta que o presbítero deve ser, no relacionamento as suas ovelhas e no terceiro milênio, o homem da missão e do diálogo.

Por sua vez, o Papa Francisco alerta sobre os efeitos da pós-modernidade, destacando que eles prejudicam a visão do ser humano e do mundo, gerando um vazio e desorientação. Entre alguns presbíteros, parece haver uma certa dose de indiferença em relação aos desafios pastorais, aos problemas sociais, às dificuldades dos irmãos sacerdotes, aos estudos e à compreensão da própria vida presbiteral.

O Concílio Vaticano II procurou estabelecer uma nova compreensão da verdadeira identidade do sacerdócio, enfatizando que ele deve ser completamente centrado em Cristo. A importância de Jesus para o relacionamento de toda a humanidade e de toda a criação com Deus – ou seja, o reconhecimento de Cristo como o Redentor e Mediador universal da salvação.

Ciente que o ministério é o serviço, essencialmente voltado para Cristo, e isso, inclui o serviço aos outros, visto que Cristo é tanto a fonte quanto o objetivo do serviço apostólico, Ratzinger (2004) afirma:

*É significativo para nossa questão que o conceito de servo seja um conceito de relação. Servo é alguém em relação com outro. Quando o sacerdote é definido como servo de Jesus Cristo, isto significa que sua existência está essencialmente determinada de forma relacional: o fato de estar orientado para o Senhor configura a natureza de seu ministério de uma forma tal que se estende para dentro de seu próprio ser. Ele é servidor de Cristo, para, a partir dele, ser com ele e para ele servidor dos homens. A relação com Cristo não se contrapõe à orientação para a comunidade (para a Igreja), mas, ao contrário, é o seu próprio fundamento e somente esta relação concede a esta orientação a sua profundidade absoluta. Ser remetido a Cristo significa ser introduzido em sua própria existência de servo, e estar com ele a serviço do “corpo”, da Igreja. Justamente porque o sacerdote pertence a Cristo, pertence de forma radical aos homens. Somente assim pode se dedicar a ele de forma tão profunda e incondicional. Isto significa, novamente, que a compreensão ontológica do ministério sacerdotal, que se estende ao interior do ser com o qual está unido, não se opõe à seriedade do funcional, da dimensão social, mas alcança uma radicalidade no servir que não seria pensável no âmbito meramente profano.<sup>35</sup>*

<sup>35</sup> SANTOS, 2020, p. 3.



Em outras palavras, O presbítero é então convocado a superar o apego a si mesmo, vencer a tentação de reter a unção recebida e ungir com o óleo da presença paterna e amorosa a todos quantos forem necessários, especialmente os pobres, presos e doentes.<sup>36</sup>

Neste sentido, a identidade do presbítero está intrinsecamente ligada a uma profunda relação pessoal com Jesus Cristo. Essa relação não é superficial ou meramente funcional, mas constitui o cerne de sua vocação e missão. Para compreender plenamente essa identidade, é essencial considerar o conceito de *kenosis* em Jesus. Este esvaziamento como nos apresenta São Paulo, não é uma perda de divindade, mas uma renúncia voluntária aos privilégios divinos, adotando uma vida de humildade e serviço. Para o presbítero, participar na *kenosis* de Cristo significa abraçar uma vida de serviço e sacrifício. Isso implica renunciar a ambições pessoais, poder e conforto, para se dedicar inteiramente ao serviço dos outros, imitando a humildade e abnegação de Cristo, fazendo da sua própria vida um testemunho vivo do amor e da misericórdia de Deus.

O sacerdote que, na escolha do celibato, renuncia ao amor humano para abrir-se totalmente ao amor de Deus, torna-se livre para a corrente da caridade, que provém de Deus, é livre para todas as tarefas que requer o cuidado das almas. Importante se faz ressaltar que para viver o celibato de maneira autêntica e serena, o presbítero precisa assumir sua afetividade e sexualidade com maturidade. Isto significa reconhecer e integrar essas dimensões de sua personalidade, sem reprimi-las ou negá-las. A maturidade afetiva implica em desenvolver uma capacidade de relacionar-se com os outros de maneira saudável e equilibrada, construindo laços de amizade e fraternidade que enriquecem a vida comunitária.

A sexualidade, por sua vez, é vivida de maneira sublimada. O presbítero é chamado a canalizar suas energias afetivas e sexuais em sua missão pastoral, encontrando alegria e realização no serviço aos outros. Este processo exige uma disciplina interior e uma vida espiritual profunda, onde a oração e a meditação desempenham papéis cruciais. Este ato de amor puro e superior, assim como a castidade, é um dom de Deus. O compromisso de castidade vivido pelo sacerdote o ajuda a identificar diariamente suas disposições para fazer frutificar o dom do celibato que o Senhor lhe concedeu.

<sup>36</sup> FRANCISCO, PP., *Santa Missa Crismal*.



Profundamente radicado na verdade e na caridade de Cristo, o sacerdote é animado pelo desejo e pelo imperativo de anunciar a salvação a todos. Contudo, apesar desse compromisso, muitos sacerdotes acabam, em grande parte, ficando à margem da Igreja, formando um “terceiro homem”.<sup>37</sup> Segundo Santos (2020), este homem nem é conservador, nem progressista, mas, desinteressado na Igreja institucional.

Embora na perspectiva de São João Paulo II, onde o ministério do presbítero é, antes de tudo, comunhão e colaboração responsável e necessária no ministério do bispo, na solicitude pela Igreja universal, trabalhando para a edificação do Corpo de Cristo, que, especialmente em nossos dias, requer múltiplas atividades, há um desencontro com o que a própria Igreja prega em seu magistério, o que se torna um ponto de alerta, atenção e preocupação, tendo em vista que esta crise se alastra consubstancialmente e que segundo Santos (2020), afeta a relação dialógica dos sacerdotes e seus bispos, respectivamente:

*Esta crise se acentua ainda mais no tocante às relações entre padres e bispos que é, na maioria das vezes, simplesmente uma relação de obediência hierárquica, não havendo, por grande parte dos bispos, o interesse num diálogo com os padres e a própria comunidade. “Entre padres e Bispos há desconfianças, distanciamentos, monólogo [...]” e “[...] o relacionamento é frio, formal e diplomático.”<sup>38</sup>*

Este desencontro acresce ainda mais o abismo entre a formação dada aos futuros sacerdotes que buscam a sua felicidade plena em Cristo Jesus e a sociedade que está em constante transição do mundo pós-moderno e, no centro deste abismo está a crise de identidade em que se encontram estes sacerdotes, preparados para a vida sacramental, mas, ao mesmo tempo, em uma luta constante onde a solidão é pertença mesmo em meio ao povo de Deus que emerge uma outra realidade: a depressão e o altar.

Homens escolhidos e eleitos, retirados do meio da comunidade, com coração ardente e pés a caminho para evangelizar e que são contrastados com inúmeras realidades distintas para aquilo que foram formados. Preparados para serem homens de Deus e de fortaleza para o povo que lhe foi confiado, são na verdade vulneráveis e que ao receber a imposição de mãos, muitas das vezes se quer conhecem a sua própria humanidade.

<sup>37</sup> RATZINGER, 2004, p. 168.

<sup>38</sup> SANTOS, 2020, p. 3.



Como um outro Cristo, e prenunciado pelo Profeta Isaías, o sacerdote nos tempos de pós-modernidade é desprezado e rejeitado, e se torna também homem de dores, que conhece o sofrimento mais profundo, visto que o homem deste século vem promovendo uma cultura de morte em todos os sentidos. Esquecendo-se que ele precisa de Deus, de cultivar a fé e a cultura da vida. É justamente nesta sociedade e nestas pessoas que o sacerdote tem que chegar para que elas abram as portas de seus corações, mudem suas atitudes e acolham a mensagem de Cristo em sua vida. Sobre isto, o Papa João Paulo II nos diz:

*Quando se procuram as raízes mais profundas da luta entre a cultura da vida e a cultura da morte, não podemos deter-nos na noção perversa de liberdade acima referida. É necessário chegar ao coração do drama vivido pelo homem contemporâneo: o eclipse do sentido de Deus e do homem, típico de um contexto social e cultural dominado pelo secularismo [...] Perdendo o sentido de Deus, tende-se a perder também o sentido do homem, da sua dignidade e da sua vida.*<sup>39</sup>

Perante um mundo saturado de mensagens consumistas, onde a busca pelo prazer imediato e o individualismo desenfreado predominam, o presbítero enfrenta um desafio significativo: falar acerca de Deus e das realidades eternas. Em uma sociedade que constantemente promove o imediatismo, a gratificação instantânea e o culto ao “eu”, o papel do presbítero se torna ainda mais crucial como um farol de valores espirituais e transcendentais. O desafio de falar sobre Deus e as realidades eternas em um mundo tão focado no presente e no tangível requer uma abordagem que seja tanto firme quanto compassiva. Isso implica em mostrar como os ensinamentos de Cristo não são apenas relevantes, mas essenciais para enfrentar as crises existenciais e os vazios que o mundo não pode preencher.

Pode-se compreender que isto é o reflexo da espetacularização da sociedade, que tem transformado aspectos cotidianos da vida em entretenimento, algo amplamente impulsionado pela mídia e pelas plataformas de redes sociais. Essa dramatização da vida implica em uma distorção dos eventos diários, onde tudo precisa ser grandioso, emocionante e atraente para captar a atenção do público. Infelizmente, essa abordagem tem permeado várias esferas da sociedade, incluindo a compreensão do sacerdócio.

<sup>39</sup> JOÃO PAULO II, PAPA, *Evangelium Vitae*, p. 21.



Ao invés de serem vistos como ‘bons pastores’, focados na orientação e no serviço à comunidade, sacerdotes estão sendo inadvertidamente empurrados para uma posição onde são esperados para desempenhar papéis que se alinham mais com figuras públicas de alto perfil, constantemente visíveis e engajados em atividades espetaculares. Esse fenômeno pode ser parcialmente atribuído à ignorância e à falta de compreensão da verdadeira dimensão sacramental do sacerdócio.

Não obstante, a pressão que muitos sacerdotes enfrentam para se adaptar às expectativas contemporâneas os tem levado a priorizarem atividades que são mais visíveis e espetaculares aos olhos da sociedade digital, em detrimento de funções essenciais e muitas vezes invisíveis, como a oração, o aconselhamento espiritual privado e o acompanhamento pastoral. Essa mudança de foco tem resultado em um enfraquecimento da autenticidade espiritual e na perda do verdadeiro propósito e sentido do sacerdócio ministerial.

Mas, afinal, quais consequências a espetacularização do sacerdócio pode trazer à vocação sacerdotal, ao ministério e ao povo de Deus? Antes de tudo, deve-se enfatizar que as consequências são profundas, visto que, se cria uma desconexão entre a essência da vocação sacerdotal e a imagem pública que é projetada, levando o padre a um esgotamento espiritual e emocional, tendo em vista que se torna compelido a desempenhar papéis que não se alinham com seu verdadeiro chamado e por fim, deixando a desejar na comunidade que está a seus cuidados de Bom Pastor.

As armadilhas da espetacularização têm redefinido o papel do sacerdote pela necessidade de realizar “shows” durante celebrações litúrgicas e paralitúrgicas, transformando momentos que deveriam ser de profunda comunhão espiritual em eventos espetaculares. A liturgia, que deve ser um espaço de encontro privilegiado com Deus, tem sido transformada muitas vezes em uma performance teatral, onde a forma é mais valorizada que a essência. Essa mudança não só deturpa a verdadeira função do sacerdote, mas também compromete a qualidade da vida espiritual dos fiéis, que são levados a enxergar a fé como um espetáculo ao invés de vê-la como uma jornada de transformação interior.

Bento XVI, em sua reflexão sobre o sacerdócio<sup>40</sup>, adverte sobre os perigos dessa tendência. Ele afirma que o ser sacerdote é, fundamentalmente, um novo e radical modo de unificação com Cristo, concedido

<sup>40</sup> Homilia, 3 de maio de 2009.



de forma substancial e permanente através do sacramento da Ordem. Esta unificação não é apenas um estado conferido externamente, mas um chamado a uma transformação contínua e profunda da vida interior do sacerdote. Se o sacerdote não desenvolver sua vida espiritual em consonância com a verdade do sacramento, esta vocação pode se tornar um juízo de condenação, ao invés de um caminho de salvação e serviço.

Essa advertência de Bento XVI sublinha a importância de uma vida interior robusta e de uma prática ministerial autêntica. Para ele, a vida interior do sacerdote não é um aspecto secundário de sua vocação, mas o fundamento que dá sentido e profundidade a todas as suas atividades ministeriais. Sem essa base, o risco é de que o homem do sagrado se torne um mero “showman”, perdendo a verdadeira essência da sua consagração à Deus.

Mesmo quando a sociedade do espetáculo condiciona o padre a perder o verdadeiro sentido da dimensão ontológica e funcional do sacerdócio, este por sua vez, não deve ter receio de estar ‘fora do tempo’ como nos afirma São João Paulo II, visto que o ‘hoje’ humano de cada sacerdote deve estar inserido no ‘hoje’ do Cristo redentor:

*A maior tarefa de cada sacerdote em todo o tempo é o conhecer; o dia a dia, o seu ‘hoje’ sacerdotal no ‘hoje’ de Cristo, naquele ‘hoje’ de que fala a carta aos Hebreus. Este ‘hoje’ de Cristo está inserido em toda a história – no passado e no futuro do mundo, de cada homem e de cada sacerdote. Jesus Cristo é o mesmo, ontem e hoje; Ele o será para a eternidade (cf. Hb 13,8). Se estamos, portanto, inseridos com o nosso ‘hoje’ humano e sacerdotal no ‘hoje’ de Jesus Cristo, não existe o perigo de virmos a ser de ‘ontem’, isto é, desatualizados. Cristo é a medida de todos os tempos.<sup>41</sup>*

A eternidade do “hoje” de Cristo oferece ao sacerdote uma perspectiva de esperança. Em meio às crises e mudanças do mundo, o sacerdote pode permanecer firme e confiante, sabendo que está unido a Cristo, que é a mesma realidade ontem, hoje e para sempre. Esta certeza dá ao sacerdote a coragem de ser um sinal de esperança e de estabilidade para a sua comunidade, apontando sempre para a fidelidade e a eternidade de Deus.

Nos tempos de hoje, espera-se que a identidade presbiteral, seja constituída por um perfil de sacerdote que deva ser: homem da palavra,

<sup>41</sup> JOÃO PAULO II, PAPA, *Dom e Ministério*, p. 97-98.



dos sacramentos, dispensador dos ministérios de Deus, discípulo, missionário, homem do testemunho e da santificação, pastor, misericordioso e sinodal, homem das vocações, do discernimento e da ascese, do amor sem limites e da comunhão. Esta compreensão acerca do presbítero está intimamente ligada à compreensão eclesiológica, haja vista que o ele deve caminhar com a Igreja, da qual é membro pelo batismo.

Numa época em que tudo parece estar se tornando descartável, e diante das crises proporcionadas neste mundo tão complexo, muitos dos sacerdotes tem se tornado vulneráveis a elas. O sacerdote em crise deve entender que a crise não é sinônimo de desespero, abandono ou recomeço de uma nova vida, mas uma oportunidade para aprender a conviver com ela. Muitas vezes, é na crise que Deus se manifesta. A crise, seja ela pessoal, espiritual ou profissional, não deve ser vista apenas como um momento de sofrimento, mas como uma chance significativa de crescimento e transformação.

Para um sacerdote, que dedica sua vida ao serviço do Reino de Deus e da comunidade, essa compreensão é essencial. A crise pode revelar áreas de vulnerabilidade e desafios que necessitam de atenção e desenvolvimento, sendo um chamado para maior introspecção, autocohecimento e fortalecimento da fé.

De fato, os sacerdotes cada vez mais, tem se tornado falíveis como qualquer uma de suas ovelhas. Sua cruz é a sua solidão. E esta solidão não é vazia, pois ela está centrada em Deus. São Paulo VI na sua encíclica *Sacerdotalis Cælibatus* nos afirma:

*“Por vezes a solidão pesará dolorosamente sobre o sacerdote, mas nem por isso há de arrepender-se de tê-la generosamente escolhido. Também Cristo, nas horas mais trágicas da vida, ficou só, abandonado mesmo daqueles que tinha escolhido para testemunhas e companheiros e que Ele tinha amado até ao fim (Jo 13,1), mas declarou: ‘Eu não estou só, porque o Pai está comigo’ (Jo 16,32). [...] Quem escolheu ser todo de Cristo há de encontrar, antes de tudo, na intimidade com Ele e na sua graça, a força de ânimo necessária para dissipar a melancolia e para vencer os desânimos. Não lhe faltará a proteção da Virgem Mãe de Jesus e os maternos desvelos da Igreja a cujo serviço se consagrou. Poderá contar com a solicitude do seu pai em Cristo, o Bispo, com a fraternidade íntima dos irmãos no sacerdócio e com o conforto de todo o Povo de Deus. E se a hostilidade, a desconfiança, a indiferença dos homens lhe tornarem por vezes demasiado amarga a solidão, há de saber compartilhar com dramática evidência a mesma sorte de Cristo, como o apóstolo que não*



*é maior do que Aquele que o envio (cf. Jo 13,16;15,18), como o amigo que foi admitido aos segredos mais dolentes e mais gloriosos do divino Amigo que o escolheu para produzir, num viver aparentemente de morte, frutos misteriosos de vida”.*<sup>42</sup>

A evolução experimentada pela sociedade pós-moderna deixou sua marca na vida da Igreja, provocando uma mudança na imagem que as pessoas têm dela e, por conseguinte, de seus sacerdotes. Embora o fragmento da encíclica seja encorajador e atemporal, a realidade sacerdotal nos últimos tempos, tem culminado na solidão, na depressão e em última instância um grito não ouvido: o suicídio – que tem refletido altos números nos últimos anos. De agosto de 2016 a junho de 2023, 40 padres se suicidaram no Brasil. Pode parecer pouco, mas o suicídio tem se mostrado um fenômeno complexo e multifatorial. No caso dos padres, vários estudos apontam que os principais fatores de risco são o estresse, a solidão e a cobrança excessiva. O Papa Francisco acrescenta mais um fator que é a questão do clericalismo.<sup>43</sup>

Importante se faz ressaltar que existe uma contraposição entre a imagem teológica do sacerdote que é essencialmente definida por seu papel sacramental, litúrgico e de mediação com o sagrado e a imagem sociológica que o sacerdote recebe da sociedade pós-moderna em que, muitas vezes é desprovida da dimensão transcendente, onde o padre visto apenas como líder comunitário, agente social ou até mesmo uma figura marginalizada em um mundo onde a religião perde espaço para outras formas de organização social e cultural.

A contradição entre essas duas imagens pode levar o sacerdote a uma série de dilemas internos e externos. A subvalorização da imagem teológica pode ocorrer quando o sacerdote internaliza a visão sociológica e começa a ver seu papel religioso como secundário ou irrelevante, potencialmente levando a um questionamento de sua vocação e a um sentimento de desilusão. Em contraste, a supervalorização da imagem teológica pode resultar em uma rejeição da realidade sociológica e em um isolamento do sacerdote, que se fecha em sua identidade religiosa de forma a evitar o confronto com uma sociedade que não reconhece plenamente seu valor.

<sup>42</sup> PAULO VI, PP., *Encíclica Sacerdotalis Cælibatus*, 1967.

<sup>43</sup> Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2023-07/padre-licio-suicidio-padres-brasil.html>.



Seria este um problema de base na formação realizada pelos seminários, mesmo quando prioriza-se trabalhar com as dimensões que constituem à configuração à Cristo, Servo e Pastor? A resposta é “Sim!” A tensão entre a imagem teológica e sociológica do sacerdote, de fato, pode ter suas raízes na formação proporcionada pelos seminários. A ausência de acompanhamento clínico e a redução do seminarista apenas aos estudos e cumprimentos de horários antecipam problemáticas psicossomáticas que só apareceriam anos após o início do ministério. Em alguns seminários, privados de lazer, cultura e promoção humana, os formandos adoecem e aqueles que resistem e chegam à ordenação, na sua primeira crise, adentram à depressão ou à renúncia do seu ministério.

Mesmo quando há um esforço consciente para trabalhar com as dimensões que configuram o sacerdote à imagem de Cristo, vários fatores podem influenciar a maneira como os futuros sacerdotes internalizam e equilibram essas imagens contrastantes. Dentre eles:

1. O isolamento teológico. Se a formação é excessivamente teórica e isolada da realidade vivida das comunidades, os futuros sacerdotes podem desenvolver uma visão descolada da realidade. A supervalorização da dimensão teológica pode levar a uma falta de preparação para lidar com a percepção sociológica de seu papel, causando frustração e desilusão;
2. Ausência de abordagem holística que integra formação intelectual, humana, comunitária, espiritual e pastoral a uma abordagem sociológica, esta última ausente ou insuficiente dentro do processo e não menos importante visto que esta integração é crucial para que os sacerdotes possam equilibrar suas funções religiosas com a realidade social contemporânea;
3. Programas de formação continuada e a presença marcante da Pastoral Presbiteral especialmente aos neossacerdotes, visto que sua finalidade é responsável por oferecer aos presbíteros as condições necessárias para a sua própria realização humana e vocacional, ajudando-os na missão de configurar-se a Cristo Bom Pastor inserido no contexto social, junto ao povo. Zelando pela saúde física, psíquica e afetiva dos presbíteros além de proporcionar os meios necessários para uma formação permanente nas dimensões comunitária, espiritual, humana, intelectual e pastoral.



No que diz respeito às crises enfrentadas, muitos padres acreditam que estando em crise fazem de tudo para sair da mesma, procurando esquecer que estão em crise. Na verdade, o correto seria viver a própria crise, aceitar que se está em crise e ter consciência de uma não correspondência entre o ‘eu ideal e eu atual’, que pede uma opção ou uma conversão acerca de um ponto bem determinado da personalidade, para um novo equilíbrio de relações entre ideal e conduta de vida, e uma definição do eu (Cencini, 2011, p. 48).

Neste sentido, o não enfrentamento da crise, faz com que o sacerdote perca o encanto com o seu primeiro amor ao longo dos anos, deixando esfriar a sua vocação e passando a buscar alternativas desenfreadas compensatórias, os levando ao vazio.

Outro fator preponderante para o desencadeamento de todos estes aspectos é o stress ocupacional. De acordo com uma pesquisa realizada em 2008, pelo Isma Brasil, aponta-se que a vida sacerdotal é uma das profissões mais estressantes. Naquele ano, 448 entre 1,6 mil padres entrevistados (28%) se sentiam “emocionalmente exaustos”. O percentual de clérigos nessa situação era superior ao de policiais (26%), executivos (20%) e motoristas de ônibus (15%).

Dez anos mais tarde, segundo o Instituto Schaeffer, 70% dos sacerdotes lutam constantemente contra a depressão ou fazem uso de medicação ansiolítica, 71% se dizem esgotados e 80% acreditam que o ministério pastoral os tem afetado negativamente.

O Brasil possui atualmente cerca de 30 mil padres, um para cada 7.802 habitantes. Em outras palavras, sobra trabalho, falta tempo e desta forma, o sacerdote muitas das vezes, tem negligenciado sua espiritualidade e passa a trabalhar no piloto automático como um funcionário de uma empresa que lhe suga todas as energias.

A aceitação de uma crise pessoal por parte de um presbítero é um marco crucial para a transformação e crescimento individual. Este reconhecimento da necessidade de ajuda é o primeiro passo para a mudança de vida, pois abre a porta para um processo de autoconhecimento e desenvolvimento espiritual. Viver uma crise de maneira construtiva pode resultar em um amadurecimento significativo e na aceitação de si mesmo e das circunstâncias, transformando o que inicialmente é visto como uma adversidade em uma oportunidade para crescimento pessoal e espiritual.



Importante lembrar que tal problemática torna-se constante desde os primórdios da Igreja e contrasta-se biblicamente ao Apóstolo Paulo, quando o Senhor agiu e usou da chegada de Tito para consolá-lo, quando ele passava por conflitos internos e externos.

Na sociedade contemporânea, no entanto, existe uma dificuldade generalizada em lidar com conflitos, frustrações, sofrimento, traumas e perdas. Esta incapacidade de enfrentar e superar adversidades é especialmente notável entre os jovens, que muitas vezes são vistos como a geração mais frágil. Eles parecem ter mais dificuldade em navegar pelas turbulências emocionais e psicológicas, em parte devido à natureza acelerada e ansiosa da sociedade atual. Vivemos na “sociedade dos excessos”, onde o consumo desenfreado, a busca incessante por prazer e a superficialidade nas relações humanas predominam. Esta cultura do excesso cria uma constante sensação de insatisfação e estresse, pois nada parece ser suficiente; há sempre uma pressão para obter mais, seja em termos materiais, emocionais ou sociais. Para os presbíteros, esta dinâmica social tem um impacto significativo.

Eles não estão imunes às pressões e expectativas impostas pela sociedade contemporânea. Pelo contrário, são frequentemente colocados em uma posição de liderança e expectativa espiritual, o que pode aumentar ainda mais o estresse e a sensação de inadequação. A exigência de serem modelos de virtude e estabilidade em um mundo instável e agitado pode ser esmagadora. No contexto clerical, a crise pessoal e a necessidade de buscar ajuda adquirem uma dimensão especial. O presbítero que admite sua crise e procura ajuda está demonstrando coragem e sabedoria, reconhecendo que mesmo os líderes espirituais precisam de apoio e orientação. Este ato de humildade pode, paradoxalmente, fortalecer sua autoridade moral e empatia, pois mostra que eles também são humanos, sujeitos às mesmas vulnerabilidades que qualquer outra pessoa.

A prevenção do suicídio entre os padres requer uma abordagem holística e proativa por parte da Igreja. Primeiramente, é fundamental oferecer um acolhimento efetivo e sincero, demonstrando verdadeira preocupação com o bem-estar mental e emocional dos clérigos. Isso pode incluir a disponibilização de psicólogos e psiquiatras especializados para acompanhar casos individuais, garantindo um suporte profissional adequado.

Uma medida crucial é a melhoria da formação sobre saúde mental e a conscientização sobre o tema dentro dos seminários. Isso permitirá



que os futuros padres estejam mais bem preparados para lidar com os desafios emocionais e psicológicos inerentes ao ministério sacerdotal.

Por outro lado, é imperativo que as Dioceses e Bispos respectivamente evitem abusos de poder ou autoridade que possam contribuir para o agravamento do sofrimento psicológico dos padres. Isso inclui evitar a prática de enviar um padre para uma paróquia afastada como punição por desempenho insatisfatório, realizar correções públicas humilhantes (algo que também acontece dentro do processo de formação nos seminários e na etapa de síntese pastoral) ou impor tarefas não relacionadas ao serviço religioso. Essas ações podem minar a autoestima e a saúde mental dos padres, além de violar seus direitos fundamentais, como a liberdade de locomoção, a liberdade de consciência e o direito à privacidade.

## Conclusão

Ser sacerdote no século XXI é encarar um desafio que transcende as estruturas e práticas estabelecidas ao longo dos séculos. A rápida evolução da sociedade e das tecnologias tem gerado uma nova dinâmica cultural e espiritual, para a qual os paradigmas anteriores muitas vezes se mostram insuficientes. Adaptar-se a esse novo contexto requer não apenas uma abertura ao diálogo com os desafios contemporâneos, mas também uma disposição para uma constante renovação interior e pastoral.

Nesse cenário em constante mudança, os sacerdotes enfrentam interrogações que não encontram respostas prontas nos manuais do passado. Questões éticas, sociais, tecnológicas e existenciais desafiam os ministros ordenados a reinterpretar e aplicar os princípios evangélicos à luz das realidades atuais. Isso exige uma escuta atenta aos sinais dos tempos, uma capacidade de discernimento espiritual e uma criatividade pastoral que responda às necessidades emergentes das comunidades que servem.

Além disso, ser sacerdote no século XXI implica também um cuidado consigo mesmo. Em um mundo marcado pela pressa, pela superficialidade e pelo excesso de estímulos, os sacerdotes correm o risco de esgotamento físico, emocional e espiritual. Sendo fundamental que cultivem práticas de autocuidado, como a oração, a meditação, o acompanhamento espiritual e o descanso, para que possam continuar a servir de maneira plena e eficaz às ovelhas que lhes foram confiadas.

Muitos dos sacerdotes da pós-modernidade estão infelizes com seu ministério, estão com depressão e tem procurado o suicídio. Ou até



mesmo se refugiado nas paredes das suas casas paroquiais, vivendo a solidão em meio ao povo de Deus. Esta é uma realidade perene que a Igreja tem vivido nos últimos anos e que tem crescido de forma vertiginosa. Afinal, o que fazer? Como identificar esses sinais? Como coibir que uma simples situação chegue ao extremo? São respostas que precisam ser analisadas, estudadas e fundamentadas desde a pastoral vocacional que recebe o jovem ou adulto, passando pela equipe formativa nos seminários, ao Bispo e concomitantemente o povo de Deus.

No Brasil existem 217 dioceses, 45 arquidioceses, 8 prelazias, 3 eparquias, 01 exarcado, 01 rito próprio, 01 ordinariado militar, 01 administração apostólica pessoal e 01 arquieparquia. Até o final deste artigo, em nenhuma dessas se encontrou algum programa de prevenção a depressão e ao suicídio no clero. Muitas delas tem apenas a Pastoral Presbiteral em seu organograma, com ausência de pleno funcionamento.

Em contrapartida, o sacerdote que nunca passou por uma crise, que se diz ser forte frente aos problemas, que busca constantemente manter uma fachada de força e infalibilidade pode estar, na verdade, evitando confrontar suas próprias limitações e fragilidades. Esse comportamento de negação pode impedir o desenvolvimento de uma relação genuína com Deus e com as pessoas ao seu redor, pois a verdadeira comunhão com o divino muitas vezes requer um coração aberto e vulnerável.

Ao reconhecer sua própria fragilidade, o sacerdote permite que Deus entre em sua vida de uma maneira mais profunda e autêntica. É quando ele se abre para Deus em sua vulnerabilidade que experimenta a ação transformadora do amor divino de forma mais plena. Em vez de tentar resolver tudo por si mesmo, ele confia em Deus para ser sua força nas fraquezas, como São Paulo nos exorta em sua II Coríntios 12,9: “A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza.”

Cury (2017) apresenta uma perspectiva crucial ao afirmar que cultivar um amor inteligente requer sinceridade, transparência e autenticidade. Esses princípios são fundamentais não apenas nas relações interpessoais, mas também na vida e no ministério sacerdotal. No entanto, a realidade enfrentada pelos sacerdotes muitas vezes os coloca diante de desafios que podem dificultar a vivência desse amor inteligente.

Uma das causas apontadas para essa dificuldade é a falta de tempo para si mesmo, um elemento essencial para a saúde mental, espiritual e emocional do sacerdote. O próprio Direito Canônico reconhece a



importância desse descanso e lazer ao determinar um período de férias obrigatório (Cânon 533, § 2). A sobrecarga de atividades pastorais e administrativas pode levar à exaustão e à negligência do autocuidado, comprometendo assim a capacidade do sacerdote de cultivar relacionamentos saudáveis e autênticos.

Outro fator significativo é a falta de fraternidade presbiteral, onde cada sacerdote vive seus problemas isoladamente, sem um apoio mútuo e uma rede de suporte dentro do clero. A solidão e o isolamento podem minar a saúde emocional e espiritual do sacerdote, tornando-o mais suscetível à desilusão, ao desânimo e até mesmo ao desvio de sua vocação. A ação dialógica e a fraternidade dentro do clero são fundamentais para criar um ambiente de apoio mútuo e crescimento espiritual.

Uma última causa é o julgamento da comunidade pode ser uma terceira causa significativa. Muitas vezes, os sacerdotes enfrentam uma pressão implacável daqueles a quem servem, sendo frequentemente julgados com base em critérios superficiais ou equivocados. Esse reducionismo pode gerar um ambiente de desconfiança e hostilidade, dificultando a vivência autêntica do ministério e minando a autoestima e a confiança do sacerdote.

Quando alguém busca o sacerdócio para viver plenamente sua vocação, está buscando, em última análise, a felicidade. Esta, por sua vez, é uma jornada interior. Para abraçar totalmente sua vocação, o vocacionado está disposto a renunciar a todas as conquistas do mundo secular, a fim de mergulhar profundamente em sua experiência com Deus – não apenas ao lado, mas dentro e para Ele.

Entender esta realidade é um grande desafio para as equipes formativas, principalmente quando se fala em vocações adultas que na sua grande maioria, são desperdiçadas durante o processo, talvez com o receio de que aquela vocação seja formável mesmo ela sendo transparente, honesta e aberta à formação por entenderem, que esta já possui uma vivência e ou experiência de vida.

A Igreja, sendo a autêntica responsável na edificação do Reino e continuadora fiel na propagação da Boa-Nova, sob a ação do Espírito Santo, permanece na missão de “fazer discípulos todos os povos”. Desta forma, a compreensão sobre a identidade do presbítero compreende uma dimensão que nasce na Trindade e é revelada por Cristo, santificada pelo Espírito Santo, executada na Igreja e na missionariedade



Desta forma, assemelhar-se ao Bom Pastor como representação da imagem sacerdotal, é também compreender as nuances da vocação em nossos tempos, afinal, o homem tem vivido uma crise identitária que também afeta os sacerdotes. Importante se faz ressaltar que em meio a este cenário, entende-se que o Reino de Deus é a finalidade do ministério pastoral. A missão dá sentido à vida, à atividade e ao destino dos sacerdotes, tendo em vista que a vocação é dom gratuito de Deus e que ela precisa e deve ser vivida da melhor forma possível. Confirmada a cada dia e a partir da efusão do Espírito Santo, a vocação torna-se graça interior e faz da vida do ministro ordenado transformada e capaz de comunicar os efeitos da mediação de Cristo Jesus entre os homens.

São João Maria Vianney ao afirmar que o ‘sacerdote é o amor do coração de Jesus’ corrobora com a missão ao qual o sacerdote possui: Ser Promessa de Deus, pois age por, com e em Cristo para que suas ovelhas experimentem desta graça salvífica e transformadora e se sintam apascentadas, pois, o próprio Deus ordena tal missão para os seus sacerdotes: “Eu mesmo apascentarei minhas ovelhas” (cf. Ez 34,15).

A identidade sacerdotal se desenvolveu de forma paulatina na dinamicidade das Escrituras, sob a entrada das contínuas intervenções de Deus na história do seu Povo que culminou definitivamente no Sacerdócio de Cristo que foi sempre a fonte de luz a se projetar durante a perpetuação dos séculos.

A missão de ser Bom Pastor e ter nele a identidade sacerdotal, é reflexo do estar unido a seu Senhor ao ponto de dar a própria vida por amor de Cristo pela Igreja e pelas almas, fazendo do seu percurso um único caminho discipular e missionário, tendo como eixos fundamentais a pedagogia divina e a mística específica, que o vocacionado viverá a partir do itinerário de fé no seguimento, modelo, discernimento, escuta e observação participante.

Por fim, as contribuições deste trabalho, tem a nos oferecer em meio a esta mudança de época, a possibilidade de uma discussão do papel do sacerdote em tempos líquidos da pós-modernidade. É pertinente no cenário atual sobretudo por entender que a Igreja necessita de bons sacerdotes que sejam colaboradores da verdade sem que esqueçam da sua humanidade e cientes que Deus nos escolhe e conhece profundamente, pois Ele mesmo nos prometeu: “Dar-vos-ei pastores segundo o meu coração”. (Jr.3,15).



## Referências

A FORMAÇÃO Sacerdotal nos Seminários. In: *Recomendações Pastorais da Assembleia Plenária da Pontifícia Comissão para a América Latina*. Disponível em: [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cbishops/pcal/documents/rc\\_cbishops\\_pcal\\_20090220\\_pastorale\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cbishops/pcal/documents/rc_cbishops_pcal_20090220_pastorale_po.html). Acesso em: 20 mar. 2024.

BENTO XVI, Papa. *Carta encíclica Deus Caritas est*. São Paulo: Paulinas, 2005.

BENTO XVI. *Discurso aos membros da Cúria e da Prelatura Romana para a apresentação dos votos natalícios*. 22 dez. 2005.

BENTO XVI. *Exortação apostólica pós-sinodal "Verbum Domini"*. Ao Episcopado, ao Clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos. Sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição revisada e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2001.

CATECISMO da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes, 1998.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus; Paulinas; Brasília: CNBB, 13-31 maio 2007.

CONSTITUIÇÃO Apostólica de promulgação do Código de Direito Canônico. São Paulo, Loyola, 2010.

COZZENS, Donald. *Silêncio sagrado: negação e crise na Igreja*. São Paulo: Loyola, 2004.

CONZZENS, Donald B. *A face mutante do sacerdócio: reflexão sobre a crise de alma do sacerdote*. Trad. Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2001.

*DEI VERBUM*. In: *Documentos do Concílio Vaticano II: Constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

DOCUMENTOS DA CNBB. n. 93. Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja do Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2010.

FRANCISCO, PP. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Brasília: Edições CNBB, 2013.



GANSWEIN, Georg. *Nada Além da Verdade*. Campinas: Ecclesiae, 2023.

GASPEROWICZ, Nicola Ban. *Vocação*. *Revista Tre Dimensioni*, Ancona, ano VII, jan./abr. 2010.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? *In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

HAM, Matthias J. A. *Tarde te amei: formação de adultos ao ministério ordenado*. São Paulo: Paulinas, 2022.

JERÔNIMO, São. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. Tradução: Celso Eronides Fernandes. Editores: Raymond E. Brown; Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Marphy. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.

KLOPPENBURG, Frei Boaventura, O.F.M. *O Ser do Padre*. Petrópolis: Vozes, 1972.

ORIOLO, Dom Edson. *Ser Sacerdote*. São Paulo: Paulus, 2019.

OSIB NACIONAL. *Presbíteros segundo o coração de Jesus pra o mundo de hoje: II Seminário Nacional sobre a Formação Presbiteral da Igreja no Brasil*. Brasília: Edições CNBB, 2013.

PAULO II, Papa João. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis: Sobre a Formação dos Sacerdotes*. São Paulo: Paulus, 2005.

PAULO VI. *Carta Apostólica Ad Pascendum*. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/motu\\_proprio/documents/hf\\_p-vi\\_motu\\_proprio19720815\\_ad-pascendum.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu_proprio19720815_ad-pascendum.html). Acesso em: 22 fev. 2022.

PAULO VI, Papa. *Celibato Sacerdotal uma opção de amor*. São Paulo: Editora Loyola, 2003.

PAVONE, D. *Sulla Formazione Degli Adulti*. 1. ed. Roma: Tredimensioni, 2012.

PÉREZ. Il sacerdozio di Cristo. *In: ARDUSSO; ROLLA; MAROCCO; GHIRBERTI. Enciclopedia della Bibbia*. v. 6. Torino-Leumann: Elle di ci, 1971.

PERONDI, Ildo; LAZARINI, Adriano; RUFINO, Chaybom. *Carta aos Hebreus: Reflexões teológico-pastorais*. São Leopoldo: Oikos, 2021.

*PRESBYTERORUM ORDINIS*. *In: Documentos do Concílio Vaticano II: Constituições, decretos, declarações*. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.



RATZINGER, Joseph. A Colegialidade dos Bispos. Desenvolvimento Teológico. In: BARAÚNA, Guilherme. *A Igreja do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1965. p. 763-788.

RATZINGER, Joseph. *Obras completas VII/1 – Sobre la enseñanza del concilio Vaticano II*. Formulación, transmisión, interpretación. Madrid: BAC, 2014. 592 p.

RIBEIRO, Jacob. *A Identidade Teológica do Sacerdócio Comum e do Sacerdócio Ministerial à Luz da Constituição Dogmática Lumem Gentium*. 1. ed. São Paulo: TEOS, 2014.

ROCHA, João. Espiritualidade No Velho Testamento: Diversas Formas De Comunicação Divina Com A Humanidade. In: Simpósio do Grupo de Pesquisa Cristianismo e Interpretações 04; 2018, Recife - PE. *Anais eletrônicos [...]* Recife: UNICAP, p.78-85). Disponível em: <http://www.unicap.br/ocs/index.php/simpocris/simpocris/paper/viewFile/719/248>. Acesso em: 29 jan.2023.

SANTOS, J. B. S. *Presbíteros sinodais: comunhão, participação e missão*. Aparecida: Editora Santuário, 2022.

WONG, Jorge Carlos Patrón. A Formação dos Futuros Padres e os desafios do nosso tempo. In: *Conferência Episcopal Portuguesa – Simpósio do Clero*. Disponível em: <http://www.clerus.va/content/clerus/pt/notizie/new9.html>. Acesso em: 22 fev. 2022.

WONG, Jorge Carlos Patrón. A integralidade ao longo do percurso formativo; apresentação das etapas configurativa e pastoral. In: *Semana Nacional de Atualização para Formadores*, 11 a 14 de julho 2017, Aparecida do Norte/Brasil. Disponível em: [http://www.clerus.va/content/dam/clerus/Dox/Brasile%20-%20JCP/Forma%C3%A7%C3%A3o%204\\_RFIS\\_11%20de%20julho%20de%202017.pdf](http://www.clerus.va/content/dam/clerus/Dox/Brasile%20-%20JCP/Forma%C3%A7%C3%A3o%204_RFIS_11%20de%20julho%20de%202017.pdf). Acesso em: 22 fev. 2022.

WONG, Jorge Carlos Patrón. A formação integral do Presbítero. In: CONGREGATIO PRO CLERICAIIS: Diocese de Évora, Algarve y Beja – Atualização do Clero 2015. Disponível em: <http://www.clerus.va/content/clerus/pt/seminari.html>. Acesso em: 22 fev. 2023.